



# A prática de análise linguística/semiótica de base dialógica:

Reflexões para leitores iniciantes

Rodrigo Acosta Pereira

**A PRÁTICA DE ANÁLISE  
LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA  
DE BASE DIALÓGICA:**  
**reflexões para leitores iniciantes**



**Rodrigo Acosta Pereira**

**A PRÁTICA DE ANÁLISE  
LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA  
DE BASE DIALÓGICA:  
reflexões para leitores iniciantes**



**Copyright © Rodrigo Acosta Pereira**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo

**A prática de análise linguística/semiótica de base dialógica: reflexões para leitores iniciantes.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 100p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-85-7993-913-6 [Digital]**

1. Análise linguística. 2. Semiótica. 3. Dialogismo. 4. Reflexões. I. Título.

---

CDD – 410

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2022

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
1 A PAL/S é ancorada numa <i>concepção social</i> de linguagem	13
2 A PAL/S é balizada pelo <i>enunciado</i>	17
3 A PAL/S trabalha com o eixo da <i>compreensão</i> da linguagem	23
4 A PAL/S tem <i>dimensão crítica</i>	27
5 A PAL/S responde a <i>ideologias</i> e a <i>avaliações sociais</i>	31
6 A PAL/S se engendra nas <i>relações lógicas</i> e <i>dialógicas</i>	35
7 A PAL/S estuda a <i>autoria</i> e a <i>interlocução</i> na linguagem	39
8 A PAL/S inclui <i>gramática, o inverso, não</i>	43
9 A PAL/S trabalha com análise de <i>textos reais</i>	47
10 A PAL/S trabalha com a <i>dimensão social</i> da linguagem	51
11 A PAL/S trabalha com os <i>gêneros do discurso</i>	55
12 A PAL/S inclui a <i>multissemiose</i>	59
13 A PAL/S inclui a <i>análise literária</i>	63
14 A PAL/S é (portanto) uma prática de linguagem de base <i>discursiva</i>	67
15 A PAL/S de base <i>dialógica</i>	69
ANTES DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	95
AGRADECIMENTOS	98
SOBRE O AUTOR	99



## APRESENTAÇÃO

Este é um livro sobre a linguagem na escola de Educação Básica. Em outras palavras, é um livro sobre as práticas de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa. Dentre as várias práticas de linguagem (prática de leitura, de produção de textos e oralidade), especificamente nos dedicamos à prática de análise linguística/semiótica.

Entendemos por ‘prática de análise linguística/semiótica’ a prática de linguagem que se dedica a refletir sobre os usos dos recursos da língua (lexicais, gramaticais, textuais, enunciativo-discursivos) em contextos de interação social. Diferentemente de uma reflexão voltada aos elementos sistêmicos-formais da língua, mobilizamos uma discussão sobre a reflexão do uso social da língua, materializada na forma de unidades reais da comunicação e engendrada nas diferentes situações de interação social da vida. É um trabalho com a língua viva, com a língua das/nas interações. Frente a diversos campos teórico-metodológicos, de base social, que poderiam orientar a discussão, nos ancoramos nos Estudos Dialógicos da Linguagem, à luz dos escritos de M. Bakhtin, V. Volochínov e P. Medviédev, o Círculo.

Ao balizar nossa discussão a partir dos escritos do Círculo, conceitos como discurso, enunciado, interação social, gêneros do discurso, esferas da atividade humana, ideologia, valoração, dentre outros ascendem e referenciam nossas reflexões. Os escritos dos pensadores do Círculo serão nosso referencial, as ‘lentes’ a partir das quais matizam nossa proposta de uma ‘prática de análise linguística/semiótica de base dialógica’. A ‘base dialógica’ demarca nosso panorama teórico-metodológico, a partir do qual e com o qual delineamos as diversas orientações, reflexões e discussões em cada capítulo deste livro.

Ao final, destacamos que este livro é dedicado a leitores iniciantes. É um convite ao diálogo. Além disso, nossa visada é nos

colocar frente às várias propostas que ainda ratificam uma posição de trabalho essencialmente gramatical, voltado ao sistêmico e ao formal da língua. Aqui, nos dedicamos a outro olhar: uma visão de língua-discurso para o trabalho com as práticas de linguagem na escola.

Florianópolis, SC, julho de 2022.

## INTRODUÇÃO

“Lá vem outra forma de ensinar gramática<sup>1</sup> na escola”. Esse enunciado ouvi muitas vezes na escola, na universidade e nas formações continuadas. E, nas muitas vezes, sempre me deparei com o desafio de responder de uma forma clara, mas ao mesmo tempo exequível, o que seria (diferentemente de um ensino exclusivamente gramatical) a prática de análise linguística, e com a publicação da BNCC (BRASIL, 2018), prática de análise linguística/semiótica (PAL/S) nas aulas de Língua Portuguesa<sup>2</sup>. Não é uma tarefa fácil, por diversas razões.

A formação inicial nas universidades, a formação continuada nas secretarias educacionais, a produção científica voltada à academia, a produção científica voltada ao professor da Educação Básica, os documentos políticos educacionais vigentes, o livro didático, enfim, muitas razões. E todas elas podem levar a diferentes respostas, diferentes explicações, diferentes resultados no trabalho do professor na escola. A partir dessas razões e em resposta ao enunciado acima tantas vezes ouvido, que este livro nasce.

Ele nasce voltado ao professor de Língua Portuguesa que atua na escola de Educação Básica, em especial, ao professor do Ensino Fundamental II (séries finais) e do Ensino Médio. Digo isso, pois questões voltadas à alfabetização e ao letramento(s) não são abordadas. O livro também se direciona a professores em formação inicial, em especial, estudantes do curso de Letras. De forma geral, o livro apresenta discussões introdutórias sobre o trabalho com a PAL/S na aula de Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> Não vamos apresentar uma discussão extensiva sobre ‘gramática’. Neste livro, estamos compreendendo-a como ‘gramática escolar’, gramática conceitual’, ‘gramática normativa’, ‘gramática formal’ ou qualquer outro termo que designe um conjunto de regras baseadas na língua como sistema lógico, matemático, formal, homogêneo, normativo, prescritivo e imanente.

<sup>2</sup> Utilizamos o termo com letras iniciais maiúsculas, quando nos referimos ao componente curricular. Com iniciais minúsculas, quando nos referimos à língua.

Cabe também ressaltar que, dentre as diferentes abordagens teórico-metodológicas de estudo da linguagem, nosso caminho neste livro se baliza pelos Estudos Dialógicos, especificamente, estudos do chamado Círculo de Bakhtin: conjunto de escritos que traz as reflexões de Mikhail Bakhtin, Valentin Volochínov e Pavel Medviédev, pensadores russos que contribuíram com grandes questões sobre linguagem na 1ª metade do século XX. Suas contribuições são notórias para entendermos uma visão social de linguagem e, no Brasil são muitos os estudos, as pesquisas e, inclusive, documentos político-educacionais que reverberam as vozes do Círculo.

Assim, a partir da abordagem dialógica de estudos da linguagem, nosso livro tem os seguintes objetivos:

(i) delinear 15 considerações teórico-metodológicas sobre o trabalho com a PAL/S sob uma abordagem dialógica da linguagem. Para tanto, cada título dos capítulos traz o escopo desse delineamento;

(ii) retomar considerações teóricas e metodológicas postuladas pelos pensadores do Círculo, Mikhail Bakhtin, Valentin Volochínov e Pavel Medviédev, que possam contribuir para referenciar e balizar as 15 considerações de cada capítulo;

(iii) apresentar explicações mais pontuais sobre cada retomada de vozes do Círculo, a fim de compreender, por outra voz, as explicações que o Círculo nos apresenta;

(iv) relacionar (de forma objetiva), ao final de cada capítulo, as considerações do Círculo e as explicações parafrásticas com os delineamentos de trabalho com a PAL/S nas aulas de Língua Portuguesa.

(v) listar, ao final, referências para estudo e pesquisa sobre as considerações de cada capítulo.

Cabe, em adição, ressaltar que este livro não traz uma discussão extensiva e substancial sobre o que se define por PAL/S e seu histórico de consolidação como uma prática de linguagem em sala de aula. Para tanto, recomendamos a leitura de Acosta Pereira;

Costa-Hübes (2021)<sup>3</sup>. Este livro tem um outro objetivo: abrir-se para o diálogo com professores de Língua Portuguesa (atuantes, em formação inicial, em formação continuada) sobre como a abordagem dialógica dos estudos da linguagem ancora e baliza o trabalho de PAL/S a partir dos usos linguísticos nas interações sociais. Ademais, outras questões precisam ficar marcadas:

(a) Este livro se direciona a leitores iniciantes. Dessa forma, as discussões são mais objetivas, suscintas e voltadas especificamente para o foco da reflexão, que é a análise da língua.

(b) Este livro traz capítulos enxutos. Essa é uma visada do autor, isto é, nosso objetivo desde o início foi de apresentar uma discussão mais enxuta, porém não rasa, sobre os pressupostos, buscando abrir ao diálogo e não o encerrar (na perspectiva dialógica, isso nem seria possível);

(c) Este livro não exige o leitor de ler as obras do Círculo. Nossa discussão traz diferentes excertos retirados diretamente das obras do Círculo, o que pode ser um dos vários caminhos de leitura das obras completas. O leitor pode se guiar pelos delineamentos conceituais de cada capítulo, mas sempre voltando às obras completas.

(d) Este livro aborda fundamentos teórico-metodológicos dos estudos dialógicos da linguagem como ‘baliza referencial’ para o trabalho com a PAL/S na aula de Língua Portuguesa. Dessa forma, não vamos abordar outros caminhos teóricos, nem vamos abordar aspectos didático-pedagógicos, como, por exemplo, caminhos de elaboração didática. Para tanto, recomendamos a leitura de Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021), obra já sinalizada nesta introdução.

(e) Este livro não aborda a história, as orientações e os fundamentos da PAL/S como uma prática de linguagem integrada às práticas de leitura, oralidade e de produção de textos. Embora

---

<sup>3</sup> Para acessar e baixar gratuitamente o livro *Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa*, segue o endereço eletrônico:

<https://pedrojoaoeditores.com.br/site/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/#respond>

nosso foco seja a PAL/S, nosso olhar se volta aos pressupostos teóricos e metodológicos que possam referenciar e orientar essa prática de linguagem. Para uma leitura sobre a consolidação e os fundamentos da PAL/S como prática de linguagem, recomendamos a leitura de Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021), obra já sinalizada nesta introdução.

Ao fim, não pretendemos esgotar o tema, mas visamos um *relativo acabamento*<sup>4</sup>, a fim de colaborar com o trabalho com a linguagem na esfera escolar e advogar a favor de um trabalho com a língua viva nas interações sociais da vida.

A partir daqui, convido todos os colegas a refletirem sobre os caminhos da **prática de análise linguística/semiótica (PAL/S) de base dialógica** nas aulas de Língua Portuguesa.

---

<sup>4</sup> Sobre o conceito, sugerimos ler o ensaio *Os gêneros do discurso*, escrito por M. Bakhtin entre 1952-1953.

## CAPÍTULO 1

### A PAL/S é ancorada numa *concepção social de linguagem*

Diferentes concepções de linguagem<sup>5</sup> se consolidaram no campo dos estudos linguísticos. Dentre as várias, concepções voltadas aos campos *subjetivo* e *objetivo* acabam por marcar a história dos estudos sobre linguagem. Em contrapartida, em resposta a essas tendências de caráter subjetivista e objetivista, a abordagem de matiz *social* ascende, trazendo discussões e reflexões até então não contempladas pelos dois paradigmas subjetivo-objetivistas<sup>6</sup>.

Sob o panorama da *concepção subjetivista da linguagem*, situam-se as seguintes características: (1) a linguagem é vista como um ato criativo de um falante individual; (2) a linguagem é vista como representação do pensamento e (3) a linguagem é vista como produto da psique, da mente humana. Nessa abordagem, a linguagem é entendida como um produto do pensamento humano, restritivamente vinculada aos atos individuais de um determinado sujeito. Para Volochínov (2013e [1928]), a concepção subjetivista de linguagem engendra as seguintes caracterizações:

- 1) A linguagem é atividade, é um processo contínuo de criação [...] realizado por enunciações individuais;
- 2) As leis da criatividade linguística são as leis da psicologia individual;
- 3) A atividade da criatividade da linguagem é uma atividade consciente [...];
- 4) A língua como produto pronto [...], como sistema linguístico fixo (vocabulário, gramática, fonética) [...] é abstratamente construída [...] com o escopo de permitir um ensino de língua como instrumento já constituído.” (VOLOCHÍNOV, 2013e [1928], p. 104)

---

<sup>5</sup> Neste livro, não vamos fazer distinção entre *língua* e *linguagem*. Dessa forma, os termos aqui são usados de forma intercambiável, de acordo com a abordagem dialógica de estudos, orientação teórico-metodológica deste livro.

<sup>6</sup> Volochínov (2013e [1928]) rebate essas considerações. Ao discordar, apresenta sua visão sociológica de linguagem, como podemos observar na discussão deste capítulo.

Vejam os como nessa concepção, a língua é vista como produto pronto, acabado e desvinculado de quaisquer dimensões interlocutivas. A interação é abstraída e o sujeito é visto individualizado. A língua que produz é um ato individualizado desse sujeito, é um ato representativo de seus pensamentos individuais. Numa contextualização voltada ao trabalho com a linguagem na aula de Língua Portuguesa, essa concepção baliza um trabalho de língua como produto pronto, sem vínculo com o social, e apenas voltado à instrumentalização e à descrição de suas categorias constitutivas. A língua é vista como um ato criativo do sujeito. Palavras-isoladas, frases e orações<sup>7</sup>, descontextualizadas, fazem parte do acervo de dados linguísticos a serem analisados e trabalhados em sala.

Por sua vez, o panorama da *concepção objetivista de linguagem* traz as seguintes orientações: (1) a linguagem é vista como sistema; (2) a linguagem é entendida como uma estrutura de formas constitutivas (formas fonéticas, fonêmicas, morfológicas, sintáticas) e (3) a linguagem é vista como um sistema fechado em si mesmo, desvinculado do social. Nessa abordagem, a linguagem é entendida como um produto fechado, sistêmico, formal e estrutural, sem qualquer relação com o externo a esse sistema. Não há vínculo com a dimensão social e o sujeito não é considerado. Para Volochínov (2013e [1928]), a concepção objetivista de linguagem engendra as seguintes caracterizações:

- 1) A língua é um sistema fixo e imutável de formas linguísticas normativamente idênticas que a consciência individual encontra já pronta e que não pode contestar.
- 2) As leis da língua são leis linguísticas precisas que regulam o vínculo entre os signos linguísticos ao interior do sistema linguístico fechado. [...]
- 3) Os vínculos linguísticos específicos não têm nada em comum com os valores ideológicos [...].

---

<sup>7</sup> Nos próximos capítulos, discutimos a diferença entre o trabalho com *palavras-isoladas, frases e orações* e, de um outro lado, o trabalho com *enunciações*.

4)As enunciações individuais representam para a língua somente refrações e variações individuais causais ou simplesmente alterações da forma normativamente idêntica [...]. (VOLOCHÍNOV, 2013e [1928], p. 108)

Nessa concepção, a língua é vista como uma estrutura acabada, sistemática e sem qualquer relação com a dimensão externa, social. A língua é representada por um sistema, uma ordem fechada em si mesma, sem qualquer participação do sujeito. Numa contextualização voltada ao trabalho com a linguagem na aula de Língua Portuguesa, essa concepção orienta um trabalho com a língua como sistema, estrutura, uma forma sem qualquer possibilidade de mudança. O trabalho se dá pela análise descritiva dos elementos constituintes a partir dos níveis do próprio sistema – o fone, o fonema, o morfema, o sintagma. Palavras-isoladas, frases e orações descontextualizadas fazem parte do acervo de dados linguísticos a serem analisados e trabalhados em sala.

Por outro lado, diferentemente das abordagens subjetivista e objetivista, podemos compreender uma *concepção social de linguagem*. Nessa tendência, as seguintes características orientam a compreensão: (1) a linguagem é vista como prática social; (2) a linguagem é entendida como meio e material das interlocuções entre sujeitos; e (3) a linguagem é vista sob as lentes da interação social. Para Volochínov (2013e [1928]), a concepção social de linguagem engendra as seguintes explicações:

A interação verbal é, portanto, a realidade fundamental da língua. Em conclusão, podemos formular nosso próprio ponto de vista nos seguintes princípios:

1) A língua como sistema fixo de formas normativamente idênticas é só uma abstração científica que é produtiva somente para objetivos teóricos e práticos bem precisos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.

2) A língua está num processo ininterrupto de formação que se realiza através da interação verbal dos falantes.

3) As leis que regulam o processo de formação linguística não são absolutamente as leis psicológicas-individuais, mas não podem ser separadas das atividades dos falantes. As leis que regulam o processo de formação linguística são leis sociológicas.

4) [...]

5) A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação enquanto tal se dá entre falantes. [...]. (VOLOCHÍNOV, 2013e [1928], p. 129-130, grifos nossos).

Nessa concepção, a linguagem é vista sob o ângulo social. É o meio e o material que medeia qualquer situação de interação. A linguagem é uma prática de ordem social e, portanto, organicamente ligada às relações entre sujeitos na vida. A linguagem é um construto social e, portanto, aberto, plástico, fluido, que acompanha as mudanças históricas, culturais e de ordem político-econômicas. A linguagem se materializa em enunciados, cuja estrutura é social em todas as suas instâncias. Numa contextualização voltada ao trabalho com a linguagem na aula de Língua Portuguesa, essa concepção orienta um trabalho com a língua como prática social, isto é, um trabalho com a língua viva, com a língua concreta, com a língua nas/das interações sociais. Enunciados<sup>8</sup> reais e concretos constituídos na forma (relativamente estável) de gêneros do discurso<sup>9</sup>, fazem parte do acervo de dados linguísticos a serem analisados e trabalhados em sala.

Como vimos, há diferentes concepções de linguagem que podem orientar o trabalho do professor de Língua Portuguesa na escola. E, a partir da crítica às concepções objetivista e subjetivista, referenciamos nossa discussão neste livro. **A PAL/S é orientada pela concepção social de linguagem.** Sob esse panorama, compreendemos a língua na sua concretude real, a língua nas interações sociais, a língua que medeia as relações intersubjetivas. É nesse panorama que vamos discutir e estudar sobre PAL/S neste livro. Em nosso próximo capítulo, vamos discutir sobre como, a partir de uma concepção social de linguagem, a unidade de trabalho com a PAL/S, em sala de aula, passa das palavras-isoladas, frases e orações para os enunciados concretos da vida social.

---

<sup>8</sup> Conforme capítulo a seguir.

<sup>9</sup> Questões que são discutidas em vários dos capítulos deste livro.

## CAPÍTULO 2

### **A PAL/S é balizada pelo *enunciado***

A PAL/S não se limita à análise de palavras-isoladas, frases ou orações. Em outras palavras, a PAL/S não tem como unidade de trabalho a palavra-isolada, a frase ou a oração de forma descontextualizada, desvinculadas das situações de interação. Com isso, a unidade de trabalho é o enunciado. O enunciado é a materialidade do discurso, é uma unidade de comunicação verbal que responde às demandas das situações de interação. É a partir disso que podemos afirmar que a PAL/S é balizada por uma abordagem enunciativo-discursiva, ou como vimos no capítulo anterior, a PAL/S é ancorada em uma concepção social de linguagem. Mas, nos perguntemos: o que é um enunciado? E como o enunciado se difere da palavra-isolada, da frase e da oração?

Na abordagem dialógica, o enunciado pode ser desde um simples “Oi!” (um simples vocábulo), como um grande romance (com mais de 300 páginas, por exemplo), isto é, o conceito de enunciado independe do quantitativo, mas se associa às condições sociais de interação. Dessa forma, uma simples palavra ou um romance de mais de trezentas páginas são enunciados, desde que estejam engendrados a uma situação social de interação. Essa é a questão fundante: todo uso da linguagem em situações sociais de interação se materializa na forma de enunciados. Os enunciados são as formas concretas, reais, sociais de uso da linguagem.

Além disso, conforme Bakhtin (2003 [1952/1953]), todo enunciado se diferencia de uma palavra-isolada, de uma frase ou de uma oração, por três características constitutivo-funcionais, a saber: (i) a alternância de sujeitos na interlocução; (ii) a conclusibilidade; e (iii) a expressividade. Essas três características, de forma integrada ao ‘todo’ do enunciado, não apenas o constituem enquanto unidade de comunicação verbal, como, nas

situações de interação social, orientam seu funcionamento. Vejamos explicações sobre elas.

A alternância de sujeitos na interlocução diz respeito aos interlocutores que se engajam nas situações de interação social. Todo uso da linguagem implica e demanda autoria e interlocutores. Dessa forma, todo enunciado tem autor e interlocutores (conforme capítulo 7). Nenhum enunciado nasce no vácuo ou se destina a ninguém. Pelo contrário, todo enunciado sempre se realiza por um sujeito-autor e se destina a sujeitos-interlocutores. Disso resulta a responsividade, ou seja, todo enunciado é responsivo, demanda respostas (mesmo que seja o silêncio).

Em suma, a primeira característica que diferencia o enunciado das formas sistêmicas da língua (palavra-isolada, frase e oração) é que este se constitui e funciona pela alternância de sujeitos na interação social. Bakhtin (2003 [1952/1953]) assim explica:

[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. [...]. Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. [...] O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2003 [1953/1953], p. 274-275, grifos do autor).

A segunda particularidade que diferencia o enunciado das palavras-isoladas, frases e orações é a conclusibilidade. Esta diz respeito ao como os sujeitos, na interação, se utilizam da linguagem na forma de enunciados relativamente acabados, isto é, enunciados relativamente completos, ao ponto que os interlocutores os compreendam nas particulares situações de interação social. Em outras palavras, a conclusibilidade é uma característica que se refere ao acabamento do enunciado nas interações e, dada sua especificidade, esta se realiza por meio de três instancias: (a) a exauribilidade semântico-objetal; (b) o projeto de dizer e (c) as formas típicas do dizer.

A exauribilidade semântico-objetiva é a maneira como o sujeito-autor exaure, finaliza, completa os sentidos (o semântico) do objeto de seu dizer, ou seja, é o modo como o sujeito-autor relativamente ‘esgota’ o que precisa dizer (os sentidos do que diz – o semântico-objetiva) naquele momento, a fim de que os sujeitos-interlocutores o compreendam. Assim, toda vez que enunciamos, precisamos ‘completar’ nosso enunciado de uma forma que nosso interlocutor possa nos entender. Segundo Bakhtin (2003 [1953/1953], p. 281, grifos do autor), “o objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar *tema* do enunciado [...] ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições [...] já no âmbito de uma ideia *definida pelo autor*”. O projeto de dizer corresponde à vontade discursiva do falante, isto é, seus objetivos, seus propósitos, suas visadas ao enunciar. Todos nós temos sempre objetivos em nos comunicarmos e esse objetivo sempre se ancora nas demandas da situação de interação social. Bakhtin (2003 [1953/1953], p. 281) assim esclarece: “imaginamos que o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado.” Por fim, as formas típicas de dizer se referem aos gêneros do enunciado, isto é, as suas formas relativamente estabilizadas – os gêneros do discurso (conforme capítulo 11).

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero [...]. Falamos através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. [...] A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e

justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados. (BAKHTIN, 2003 [1953/1953, p. 282-283, grifos do autor).

A terceira particularidade que diferencia o enunciado das palavras-isoladas, frases e orações é a expressividade. Toda vez que enunciamos, não enunciamos de forma neutra, sem apreciação. Pelo contrário, todo enunciado é sempre expressivo, sempre traz consigo um índice social de valor, uma expressão avaliativa. Em outras palavras, “[...] a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. [...] A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso [...] determina também a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.” (BAKHTIN, 2003 [1952/1953], p. 289). Conforme o autor nos explica, todo enunciado é expressivo porque traz sempre um índice valorativo, um valor, uma avaliação social. Ao enunciar, nós também avaliamos. O tom expressivo do uso da linguagem, nas situações sociais de interação, é uma marca expressiva da enunciação.

Como vimos, alternância de sujeitos do discurso, conclusibilidade e expressividade são as características do enunciado e são, por conseguinte, as particularidades que diferem o enunciado das formas descontextualizadas da língua: a palavra-isolada, a frase e a oração. As formas descontextualizadas da língua se encontram no plano da língua-sistema e os enunciados no plano da língua-discurso. Em outras palavras, conforme capítulo anterior, as formas descontextualizadas da língua (palavras-isoladas, frases e orações) estão sob uma ordem de concepções subjetivista e/ou objetivista da linguagem, ao passo que, os enunciados, como unidades da comunicação verbal, estão sob a ordem de uma concepção social de linguagem. Ou como explica Bakhtin (2003 [1952/1953], p. 305-306),

À diferença dos enunciados (e dos gêneros do discurso), as unidades significativas da língua – a palavra e a oração por sua natureza são desprovidas de direcionamento, de endereçamento – não são de ninguém e a ninguém se referem. Ademais, em si mesmas carecem de qualquer relação com o enunciado do outro, com a palavra do outro. [...] A língua como sistema possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem direcionamento real no todo de um enunciado concreto.

Em um panorama de contextualização com a aula de Língua Portuguesa, na escola de Educação Básica, podemos entender que, em ‘aulas de gramática’, as palavras-isoladas, as frases e as orações são as unidades de trabalho. Um trabalho descontextualizado, sem qualquer relação com a língua viva, concreta e real, numa ancoragem nas concepções objetivista e/ou subjetivista de linguagem. Por outro lado, nas ‘aulas de PAL/S’, os enunciados são as unidades de trabalho. Vejamos outras explicações de Bakhtin (2003 [1953/1953]) que enfatizam o trabalho com a linguagem (o estudo de recursos da língua) a partir do enunciado.

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja da história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais [e podemos incluir, multissemióticos]) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação. [...] Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos gêneros do discurso. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, 2003 [1952/1953], p. 264-265).

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2003 [1952/1953], p. 268).

[...] tanto a questão metodológica de princípio quanto a questão geral relativa às relações recíprocas do léxico com a gramática, por um lado, e com a estilística, por outro lado, baseiam-se no mesmo problema do enunciado e dos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003 [1952/1953], p. 269).

A gramática (e o léxico) se distinguem substancialmente da estilística [...], mas ao mesmo tempo nenhum estudo de gramática (já nem falo de gramática normativa) pode dispensar observações e incursões estilísticas. Em toda uma série de casos é como se fosse obliterada a fronteira entre a gramática e a estilística. Há fenômenos que uns estudiosos relacionam ao campo da gramática, outros, ao campo da estilística. Um deles é o sintagma. Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto da linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto do enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de fenômeno estilístico. Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico. Mas esses dois pontos de vista sobre o mesmo fenômeno concreto da língua não devem ser mutuamente impenetráveis nem simplesmente substituídos mecanicamente um ao outro, devendo, porém, combinar-se organicamente [...] com base na unidade real do fenômeno da língua. (BAKHTIN, 2003 [1952/1953], p. 269)

O trabalho com os enunciados e suas formas típicas, os gêneros do discurso, potencializa o uso da língua nas interações sociais, balizando um trabalho com a língua real e concreta, amparado pelos seus usos na vida social. Com isso, reiteramos que **o enunciado é a unidade de trabalho com a PAL/S nas aulas de Língua Portuguesa.**

## CAPÍTULO 3

### A PAL/S trabalha com o eixo da *compreensão da linguagem*

Há uma diferença entre ‘descrever’ e ‘compreender’ a linguagem. Ao descrever, o professor está envolvido apenas em identificar, reconhecer e classificar elementos linguísticos. Os elementos, em seus níveis do sistema (fonético, fonológico, morfológico e sintático), são identificados na estrutura da palavra-isolada, da frase ou da oração. Após sua identificação, estes passam por uma etapa de reconhecimento, em que são submetidos a regras de ordem formal, etiquetados por descrições gramaticais, tais como, por exemplo, o fone (na fonética), o fonema (na fonologia), o morfema (na morfologia) e o sintagma (na sintaxe). Em terceira etapa, esses elementos são marcados por determinada taxinomia, no âmbito de sua classificação na ordem da identificação e do reconhecimento. Assim, um sintagma, por exemplo, pode receber diferentes classificações a depender de sua posição na oração.<sup>10</sup>

Por outro lado, no âmbito a compreensão, os elementos da língua incorporam outros processos, além da identificação, reconhecimento e classificação, processos típicos da ‘descrição linguística’. Ao compreender, o professor *reflete* sobre o elemento linguístico, no enunciado, para somente, após esse processo, entendê-lo sob a ordem de sua classificação, mas não apenas gramatical, mas, sobretudo, estilística<sup>11</sup>. Em outras palavras, ao refletir sobre o elemento linguístico sob as lentes da enunciação, o professor o compreende de forma dialógica, buscando entendê-lo

---

<sup>10</sup> A abordagem essencialmente descritiva (de tom formalista) tem limitações quando se trata de analisar a língua em contextos sociais de uso.

<sup>11</sup> Entendemos, assim como Bakhtin (2013 [1942-1945]), que o estudo das formas gramaticais, sob a ordem discursiva, recebe um matiz estilístico, visto sob as lentes do enunciado. Não são só elementos gramaticais, mas elementos de estilo na/da enunciação. Ver capítulo 8 neste livro.

como um recurso da língua em que um determinado sujeito-autor o agencia/o mobiliza/ o escolhe para atingir determinados objetivos e sentidos à luz de seu projeto de dizer (de sua vontade, sua intenção – veja capítulo anterior). Assim, compreender a linguagem é sempre um processo que parte da identificação e do reconhecimento, mas não finaliza nestes. Bakhtin (2003 [1930-1940], p. 398) assim explica:

A compreensão. Desmembramento da compreensão em atos particulares. Na compreensão efetiva, real e concreta, eles se fundem indissolivelmente em um processo único de compreensão, porém cada ato particular tem uma autonomia semântica (de conteúdo) ideal e pode ser destacado do ato empírico concreto. 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) Seu *reconhecimento* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu *significado* reprodutível (geral) na língua. 3) A compreensão de seu *significado* em dado contexto (mais próximo e mais distante). 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico.

Como Bakhtin (2003 [1930-1940]) acima explica, no ato de compreensão da linguagem não abstraímos as etapas de identificação e reconhecimento (típicas da descrição linguística), o que poderíamos relacionar com o que Bakhtin menciona como ‘significação-reprodutível’ da língua (conforme citação acima), mas não cristalizamos o processo nessas duas etapas. Na compreensão, incluímos as etapas da ‘significação no contexto’ e a ‘compreensão ativo-dialógica’. Por ‘significação no contexto’, entendemos que todos os elementos linguísticos, no interior do enunciado, recebem sempre um ‘sentido’ na interação social, isto é, quaisquer recursos linguísticos usados pelos sujeito-autor em seu enunciado sempre responde ideológico<sup>12</sup> e valorativamente (avaliativamente)<sup>13</sup> às demandas e feições da situação de interação social. Com isso, na compreensão, não basta apenas identificar e reconhecer (no âmbito

---

<sup>12</sup> Ver capítulo 5.

<sup>13</sup> Ver capítulo 5.

da 'significação'), é preciso significar os elementos da língua no âmbito de seu contexto de uso (no âmbito do 'sentido').

Além disso, Bakhtin aborda a questão da 'compreensão ativo-dialógica', que entendemos como o ato de responder dialogicamente ao que se enuncia. Em outras palavras, é a índole dialógico-responsiva de todo elemento linguístico no interior da enunciação. Toda vez que usamos um recuso da língua, o utilizamos para determinados fins e para determinados sentidos. O interlocutor, nas situações de interação, responde a esses fins e a esses sentidos, compreendendo o enunciado e realizando, o que vimos, como um ato de 'compreensão ativo-dialógica'. Como isso, em suma, podemos entender que há dois escopos de constituição do estudo da linguagem: a *descrição linguística*, que demanda a 'significação' no paradigma da língua-sistema (identificação, reconhecimento e, portanto, 'significação-reprodutível') e a *compreensão linguística*, que demanda o 'sentido' no paradigma da língua-discurso (compreensão e, portanto, 'significação no contexto' e 'compreensão ativo-dialógica'). Como explica Bakhtin (2003 [1970-1971]), p. 378), "compreensão e avaliação. É impossível uma compreensão sem avaliação. Não se pode separar compreensão e avaliação: elas são simultâneas e constituem um ato único integral." Em suma, **a PAL/S trabalha sob a abordagem da compreensão da linguagem. Compreender não é apenas descrever os elementos da língua à luz de seu sistema, mas é, por outro lado, entender como esses recursos linguísticos reagem às demandas da interação social.**



## CAPÍTULO 4

### A PAL/S tem *dimensão crítica*

O que é uma reflexão crítica? Por que reiteramos que a PAL/S tem uma dimensão crítica? Há diferentes sentidos para o termo ‘crítico’ no campo do trabalho científico ou didático-pedagógico. Você pode dizer que um estudo é crítico, pelo simples fato desse estudo se autoavaliar ou se redimensionar. Ou ainda, você pode dizer que tal abordagem é crítica, pelo simples fato dessa abordagem criticar e avaliar seus próprios fundamentos, apresentar novos olhares para o seu objeto e ainda, por apenas trazer uma forma outra de fazer o que já se fazia antes. O termo ‘crítico’ pode ser empregado em diferentes contextos.

Neste livro, estamos usando o termo ‘crítico’ a partir de seu sentido ligado às questões sociais de uso da linguagem. Dessa forma, o termo não é empregado para caracterizar um estudo de elementos do sistema linguístico, buscando entendê-lo sob novos paradigmas (por exemplo, um estudo crítico da morfologia, um estudo crítico da sintaxe), mas aqui estamos ratificando a proposta de uma reflexão crítica sobre o uso da linguagem em contextos sociais de interação. Em outras palavras, estamos voltados para uma *reflexão social-ideológica-avaliativa dos recursos da língua no interior do enunciado*. Isso demarca que nosso trabalho com o enunciado como unidade de trabalho com a PAL/S na aula de Língua Portuguesa é um trabalho de ‘desvelar sentidos’ no/do/com o discurso.

Nessa abordagem crítica, o trabalho com a PAL/S passa a marcar um caminho discursivo com a linguagem, o que acarreta entender os sentidos velados, as polêmicas (BAKHTIN, 2008 [1963]), as forças de unificação e desunificação de sentidos (BAKHTIN, 1998 [1975]) e, por conseguinte, desmascarar ideologias e avaliações que revelam sentidos muitas vezes propositalmente silenciados. A PAL/S potencializa o trabalho

crítico com a linguagem, não apenas em torno do como e do porquê determinados recursos da língua são usados de uma forma e não de outra, provocando sentidos, mas, sobretudo, em torno de uma visão social de linguagem na escola, o que possibilita a abertura de espaço para discutir questões culturais, históricas e político-econômicas que engendram em nossa vida social. Todo uso da linguagem traz consigo uma função social. E essa função social é sempre (de)marcada por valores, ideias, ideais, crenças, visões de mundo de sujeitos e de classes sociais. A esse respeito, Volochínov (2013a [1930]) assim nos esclarece:

[...] *a orientação social da enunciação tem um papel decisivo para a construção da estrutura estilística.* [...] Por um motivo único: o pertencimento de classe do falante não organiza de fato a estrutura estilística da enunciação somente exteriormente, ou seja, com o *tema* da conversação. A ideologia de classe entra para o interior (por meio da entonação, da escolha e da disposição das palavras) de qualquer construção verbal que se realiza não só com o conteúdo, mas expressa com a própria forma a relação existente do falante com o mundo e os homens, a relação com a situação específica e com aquele auditório específico. (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p. 190, grifos do autor).

Com isso, o sentido da PAL/S trabalhar com a dimensão crítica da linguagem implica uma concepção social de linguagem e um trabalho com o enunciado como unidade de comunicação discursiva (conforme capítulos anteriores). Significa entender que todo uso da língua, nas interações sociais, reverbera projeções ideológicas e valorativas, que saturam os usos linguísticos de diferentes sentidos. É entender que todo ato reflexivo sobre/dos recursos linguísticos empregados no interior da enunciação demanda uma análise de como esse recurso potencializa sentidos a depender da situação de interação. Muda-se a situação de interação social, mudam-se os enunciados e, por sua vez, os diferentes recursos da língua (des)marcam sentidos particulares. A PAL/S sob a dimensão crítica confirma a acepção da palavra como signo ideológico, revelando e desvelando diversificadas formas de ver e compreender a realidade social.

A palavra, por sua própria natureza intrínseca, é *desde o início* um fenômeno puramente ideológico. [...] Por isso, qualquer signo ideológico, sendo produto da história humana, não só reflete, mas inevitavelmente *refrata* todos os fenômenos da vida social. O que isto significa? Significa somente que [...] num único signo se refletem e acompanham-no relações de classes diversas. Nenhuma palavra reflete com absoluta precisão (“objetivamente”) o seu objeto, o seu conteúdo. A palavra não é, de fato, a fotografia daquilo que denota. A palavra é um som significante, pronunciado ou pensado por uma pessoa real num momento preciso da história real e que, por conseguinte, tem o aspecto de uma enunciação completa ou de uma de suas partes constituintes, de um de seus elementos. (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p. 193-195, grifos do autor)

A partir de todas essas considerações, reafirmamos que **a PAL/S trabalha sob uma dimensão crítica**, o que significa que analisa os usos sociais da linguagem, não apenas buscando nesse usos o que tem de repetível (no nível da língua-sistema e da ‘significação-reprodutível’, conforme capítulo anterior), mas, sobretudo, no que tem de regular e particular, nos sentidos que particulariza a cada situação de interação (‘significação no contexto’ e ‘compreensão ativo-dialógica’, conforme capítulo anterior), desvelando sentidos marcados por ideologias e valorações que referenciam posições e classes sociais da/na vida dos sujeitos. Isso é criticidade no trabalho com a linguagem. Criticidade entretecida no social.



## CAPÍTULO 5

### A PAL/S responde a *ideologias* e a *avaliações sociais*

Todo uso da linguagem é ideológico e valorativamente constituído, ou seja, todo enunciado é ideológico e traz consigo uma avaliação social. Por ideologia, segundo Volochínov (2013b [1930], p. 138, grifos do autor), “[...] entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que *se sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas *sígnicas*.” Em outras palavras, ideologia é um modo social de ver, compreender e interpretar a realidade social. E toda ideologia é semiótica, isto é, toda ideologia é materializada em linguagem. Onde há ideologia, há linguagem e onde há linguagem, há ideologia. Dessa forma, toda vez que usamos a linguagem em diferentes situações de interação social, sempre estamos a usando ideologicamente. Como explica Volóchinov (2017 [1929/1930]),

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. [...] A palavra é o fenômeno ideológico *par excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social. [...] A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*. Todos os demais materiais *sígnicos* são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos inaplicáveis a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer *função* ideológica: científica, estética, moral, religiosa. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 98-99, grifos do autor).

O que Volóchinov (2017 [1929/1930]) nos explica é que (i) toda ideologia é sempre *sígnica*, isto é, toda ideologia é linguística; (ii) a

forma material da ideologia, por excelência, é a palavra. Não a palavra-isolada (sob o paradigma da língua-sistema), mas a palavra vista como enunciado, à luz das ressonâncias sociais da interação; (iii) toda palavra (como enunciado) medeia a situação de interação. A palavra é o meio e o material da interação; (iv) toda palavra é um signo neutro, não por ser 'opaca', 'sem visão de mundo', 'sem ponto de vista', mas por poder absorver qualquer visão de mundo, qualquer ponto de vista e, portanto, qualquer projeção ideológica de quaisquer esferas da atividade humana (campo da criação ideológica), como, por exemplo, enunciados da esfera escolar, da esfera jornalística, da esfera religiosa. Cada esfera (cada campo da criação ideológica) produz enunciados ideologicamente típicos (relativamente estabilizados) dessa esfera: os gêneros do discurso (ver capítulo 11).

Com isso, todo uso da linguagem, na forma de enunciados e de suas formas típicas, os gêneros do discurso, são sempre ideológicos, pois respondem às demandas das esferas da atividade humana (aos campos da criação ideológica). Assim, toda vez que enunciamos, sempre enunciamos em situações de interação social que se engendram nas esferas da atividade humana. As feições e coerções dessas esferas reverberam nas situações de interação que, por sua vez, ressoam na construção do enunciado e de suas formas típicas, os gêneros do discurso. Ideologia é, portanto, uma instância social, histórica, cultural e política que substancia todo e qualquer uso da linguagem nas interações.

Além disso, todo uso da linguagem é sempre avaliativo, isto é, é (de)marcado por valores, índices sociais de valor, que nascem, se constituem e funcionam, nas enunciações, a partir das condições e formas da comunicação social. É como se toda vez que enunciássemos, estivemos sempre matizando (colorindo) nossos enunciados por determinados valores sociais, que são regularizados e legitimando na situação de interação. Medviédev (2012 [1928]) assim nos explica:

O que então, na realidade, é aquele elemento que reúne a presença material da palavra com o seu sentido? Supomos que esse elemento seja a avaliação social. [...] Iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora. [...] Ela determina, ainda, a escolha do conteúdo e da forma, bem como a ligação entre eles. [...] De fato é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico. [...] A avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro, porém, ela encontra a expressão mais pura e típica na entonação expressiva. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 183-185).

Medviédev (2012 [1928]) nos esclarece que (i) a avaliação social une a realidade da situação de interação (e as feições e coerções desta) com o sentido do enunciado (a partir do projeto de dizer de um sujeito-autor). Dito de outra forma, a avaliação traz o recorte valorativo (axiológico) para o enunciado à luz das demandas determinadas pela situação social de interação (como os sentidos são provocados, (de)marcados, recortados etc); (ii) a avaliação social determina toda a escolha e mobilização de recursos da língua (lexicais, gramaticais, textuais, multissemióticos) no interior da enunciação. Essa escolha é balizada pelo recorte valorativo que o sujeito-autor visa projetar em seu enunciado.

Com isso, a escolha de recursos da língua na enunciação respeita o índice valorativo que o projeto de dizer de um sujeito-autor visa a realizar; (iii) a avaliação social se materializa na forma sonora da entonação. A entonação marca sonoramente as feições de sentido que o sujeito-autor pretende realizar valorativamente em seu enunciado. Ademais, “no enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social. Apenas aquele elemento da língua que é capaz de satisfazer suas exigências pode penetrar no enunciado.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 185).

Com base nos postulados acima, reafirmamos que **a PAL/S trabalha com os usos sociais da linguagem sempre engendrados organicamente a projeções de ideologia e de avaliação social**. Não há uso linguístico sem a saturação de modos de ver, compreender

e interpretar a realidade - ideologias – e sem formas e modos de avaliar e valorar visões de mundo e pontos de vistas – a valoração. Como já dito em capítulos anteriores, a PAL/S trabalha sob o escopo da concepção social de linguagem, sob uma dimensão crítica e sob a ordem da compreensão; *responde* às ideologias e às valorações nos usos linguísticos só reafirma ainda mais que a PAL/S é uma prática de linguagem de base sociológica, ancorada numa visão de língua-discurso e voltada à dimensão social, histórica, cultural e política da linguagem na vida.

## CAPÍTULO 6

### *A PAL/S se engendra nas relações lógicas e dialógicas*

Vimos que todo o uso da linguagem implica uma ‘significação-reprodutível’, sob o paradigma da língua-sistema, e uma ‘significação no contexto’ e ‘compreensão ativo-dialógica’, sob o paradigma da língua-discurso. Para Bakhtin (2008 [1963]), quando se discute a noção de ‘discurso’ como língua viva, concreta e realizada nas interações sociais, precisamos entender que essa língua viva em uso se constitui a partir de duas amplitudes semânticas: as relações lógicas e as relações dialógicas.

Por relações lógicas, Bakhtin (2008 [1963]) entende as instâncias constitutivas da língua-sistema, isto é, os estratos e níveis que compõem o sistema linguístico – relações que envolvem os âmbitos da fonética, da fonologia, da morfologia e da sintaxe. É o estudo da significação-reprodutível do fone, do fonema, do morfema e do sintagma no escopo imanente da língua vista como uma estrutura, como um circuito sistêmico. Esse estudo situa-se no âmbito da proposta de concepções subjetivista e objetivista de linguagem, no âmbito do estudo das palavras-isoladas, frases e orações e no matiz da descrição (conforme capítulos anteriores), desvinculando e abstraindo a linguagem das situações sociais de interação, de qualquer dimensão social, ideológica e valorativa que substancia o uso linguístico.

Por outro lado, Bakhtin (2008 [1963]) entende que o discurso se engendra em/por relações dialógicas. Estas, segundo o autor, dizem respeito às relações semântico-ideológico-valorativas que consubstanciam qualquer discurso, isto é, qualquer uso linguístico. Elas se saturam de aspectos históricos, culturais, ideológicos, avaliativos e político-sociais, desvelando sentidos múltiplos que advêm das situações de interação social. O estudo da língua se baseia em uma concepção social de linguagem, tendo o enunciado como

unidade de análise e a compreensão como trabalho, além de mobilizar o estudo da língua em uso sempre vinculado às demandas sociais da interação na vida. Mas Bakhtin (2008 [1963]) não separa essas duas dimensões de forma estanque e apenas taxinômica; pelo contrário, o autor reitera a interpenetração, mas ressalta que devem combinar-se, mas não se fundir. Em outras palavras,

As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalinguística. Mas aqui estamos interessados precisamente nessas relações, que determinam as particularidades da construção da linguagem [...].

Na linguagem quanto objeto da linguística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua (por exemplo, entre as palavras no dicionário, entre morfemas, etc) ou entre elementos do “texto” num enfoque rigorosamente linguístico dele. Elas tão pouco podem existir entre as unidades de um nível nem entre as unidades de diversos níveis. Não podem existir, evidentemente, entre as unidades sintáticas, por exemplo, entre as orações vistas de uma perspectiva rigorosamente linguística. [...] Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 208-209, grifos do autor).

Essa citação de Bakhtin (2008 [1963]) nos diz muito. Primeiramente, o autor nos explica que estudar as relações dialógicas, isto é, as relações de sentido do discurso, é um objetivo da metalinguística. Metalinguística é um termo cunhado pelo autor para se diferenciar da Linguística da sua época, primeira metade do século XX. Em sua época, os estudos linguísticos, em sua maioria, dedicavam-se apenas a uma visão de língua-sistema, desvinculado qualquer relação da língua com o social. Dessa forma, Bakhtin (2008 [1963]) propõe a ‘metalinguística’ como um campo de estudo da língua viva, do discurso e, por conseguintes,

das relações dialógicas – relações de sentido ideológico e valorativamente marcadas no/do discurso.

Ademais, Bakhtin (2008 [1963]) nos esclarece que as relações dialógicas são relações de sentido ancoradas no extraverbal, isto é, na dimensão social. É como se a interação social ‘resolverse’ os sentidos do discurso (lembrando que a forma material e concreta do discurso é o ‘enunciado’, conforme capítulo 2). Com isso, o autor insiste que as relações dialógicas não são possíveis numa análise que se ancora em uma visão de língua-sistema: análise dos fones, fonemas, morfemas e sintagmas, por exemplo. Essas análises seriam do campo das relações lógicas e não dialógicas. Nem seriam possíveis entre ‘textos’ vistos apenas em sua materialidade cotextual (relações internas no/do texto). O estudo das relações dialógicas se estabelecem a partir dos sentidos que nascem, se constituem e funcionam nas interações sociais: o verdadeiro campo da vida da linguagem.

Contudo, precisamos ressaltar que, para o autor, as relações lógicas e dialógicas se interpenetram na construção de sentido do enunciado. Elas se combinam na construção de sentido, mas nunca se fundem.

Em outras palavras, toda vez que usamos a língua, mobilizamos recursos linguísticos (sob a ordem das relações lógicas), mas esses recursos linguísticos absorvem diferentes sentidos, no interior da enunciação, respondendo às demandas da interação social (relações dialógicas). Com isso, ao estudar os usos sociais da língua nas interações, estudamos suas relações lógicas e dialógicas.

A partir dessas considerações, **a PAL/S trabalha com o engendramento entre as relações lógicas e dialógicas**, ou seja, trabalha tanto com os elementos da língua-sistema e suas particularidades de ‘significação-reprodutível’, quanto com os sentidos socialmente ancorados desses recursos linguísticos, à luz da língua-discurso, sob o panorama da ‘significação em contexto’ (conforme capítulos 3 e 4). No trabalho com a PAL/S na aula de Língua Portuguesa, não podemos excluir o estudo dos recursos e

formas linguísticas, mas não podemos ‘estacionar’ e se ‘fechar’ neles. A PAL/S demanda ir além do estudo focalizado somente na forma, na estrutura e na sua classificação gramatical. A PAL/S entende que o estudo das formas e estruturas da língua precisam estar combinados aos sentidos que essas formas e estruturas provocam no interior do enunciado, respondendo às reverberações da situação de interação social. Com isso, as relações lógicas e dialógicas são operacionalizadas em conjunto, combinadas, mas respeitando suas particularidades (sem se fundirem). Finalizamos com as explicações de Bakhtin (2008 [1963], p. 207): “A linguística e a metalinguística estudam o mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se.”

## CAPÍTULO 7

### **A PAL/S estuda a *autoria* e a *interlocução* na linguagem**

Todo uso da linguagem implica um sujeito-autor, o falante, e um sujeito-interlocutor, o ouvinte. Mesmo no uso da linguagem em outras semioses, autoria e interlocutor estão sempre presentes. Não há uso da linguagem e, portanto, enunciados sem autor e sem interlocutor. Quando se abstrai a autoria e a interlocução da linguagem, o estudo da língua se distancia da visão de língua-discurso e se cristaliza na visão de língua-sistema. Em outras palavras, como nos explica Volochínov (2013c [1930]),

Estamos convencidos do fato de que a linguagem humana é um fenômeno de duas faces: cada enunciação pressupõe, para realizar-se, a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte. Cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas, quer sejam aquelas que se vão formando nas entranhas de nossa consciência e receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre orientada para o outro, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real. [...] a língua não é algo móvel, dada de uma vez para sempre e rigidamente fixada em ‘regras’ e ‘exceções gramaticais’. A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social. (VOLOCHÍNOV, 2013c [1930], p. 157)

Como já discutimos anteriormente (capítulo 2), o uso da linguagem se materializa em enunciados, unidades concretas e reais da comunicação discursiva. Os enunciados se diferem das palavras-isoladas, das frases e das orações, por tornarem possíveis a alternância de sujeitos na interlocução, a conclusibilidade e a expressividade. Essas características constitutivo-funcionais são balizadas pela autoria e pelo(s) interlocutor(es). É somente porque todo enunciado tem autor e interlocutor que é possível a alternância desses sujeitos nas situações de interação. Também em

função de uma posição autoral e de um interlocutor em potencial que é possível a conclusibilidade e a expressividade. E todas essas particularidades e feições são possíveis apenas em função da estrutura sociológica da enunciação. A enunciação é essencialmente social e, por ser de natureza sociológica, não poderia deixar de contar com os sujeitos da interação. Autoria e interlocução implicam posição autoral e posição interlocutiva.

Utilizamos ‘posição autoral’ e ‘posição interlocutiva’ para marcar que são construtos discursivos e não só empíricos (o ser real, biológico, no mundo). Abordar a autoria e o interlocutor no estudo do enunciado pressupõe que não os entendamos apenas como seres empíricos no mundo, mas, sobretudo, como posições, instancias discursivas, quem nem sempre somente se referem ao um ser biológico.

Podemos falar em autoria como instância, como instituição, como elos e parcerias, por exemplo. Uma reportagem num programa televisivo pode ser enunciado sob a ordem de uma autoria institucional (o canal ‘assina’ a reportagem), ou ainda a partir de ‘elos autoriais’ (a reportagem é ‘assinada’ por diferentes autores). Sob o panorama dos interlocutores, a mesma reportagem não define um interlocutor em especial e único (um ser único no mundo), mas a ‘interlocutores em potencial’. E ainda, pensemos um romance do século XIX sendo lido em pleno século XX, por ‘interlocutores do grande tempo’. Em suma, autoria e interlocutor são posições discursivas de constituição e funcionamento do enunciado (e não apenas seres empíricos no mundo real). Vejamos outras explicações de Volóchinov (2017 [1929/1930]) sobre autoria e interlocutor:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com

o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco figurado. Mesmo quando pretendemos viver e expressar *urbi et orbi*, é claro que, na verdade, vemos tanto a cidade quanto o mundo pelo prisma do ambiente social concreto circundante. Na maioria dos casos, pressupomos um certo *horizonte social* típico e estável para o qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos [...]. A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ele é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao 'um' em relação ao 'outro'. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 204-205, grifos do autor).

**Como podemos entender, a PAL/S trabalha com usos sociais da língua que implicam a bilateralidade – a autoria e o interlocutor.** É um estudo de base sociológica, portanto. Nessa abordagem, os usos sociais da língua são sempre balizados pelas posições discursivas de autor e de interlocutor, que precisam ser consideradas na análise linguística/semiótica. Essa postura não apenas reforça a visão social de linguagem, como o trabalho com o enunciado sob um matiz da compreensão, das relações dialógicas e, portanto, sob uma dimensão crítica (conforme capítulos anteriores).



## CAPÍTULO 8

### A PAL/S inclui *gramática*, o inverso, não

A PAL/S inclui o estudo da gramática. Sem entrar no escopo das discussões que versam sobre as diferentes gramáticas (porém, sugerimos o estudo sobre esse assunto), a PAL/S não exclui o trabalho com a gramática, mas o entende sob um olhar subsequente à reflexão e não antecedente ou unidirecional. Dessa forma, não se trabalha a gramática em uma primeira etapa a partir de um viés descritivo – indentificatório e classificatório –, mas a estuda a partir do que a reflexão sobre tal recurso provoca. Em outras palavras e, como já dito em capítulos anteriores, a PAL/S trabalha com a combinação entre ‘significação-reprodutível’ sob o âmbito das relações lógicas e ‘significação no contexto’ e ‘compreensão ativo-dialógica’ sob o paradigma das relações dialógicas. É nessa combinação que o trabalho da gramática não é excluído, mas é visto como uma instância de combinação com o estudo do sentido vinculado às situações de interação.

Diferentemente de um estudo essencialmente descritivo, de identificação, reconhecimento e classificação dos elementos da língua (em especial, no trabalho com a gramática conceitual, a gramática escolar e a gramática normativa), a PAL/S entende que esses elementos gramaticais recebem um matiz ideológico-valorativo advindo das interações sociais. Esse matiz traz aos elementos gramaticais a possibilidade de receberem sentidos particularizados a cada uso em situações de interação diversas. Com isso, num trabalho com a PAL/S, a gramática se apresenta como uma etapa seguinte à reflexão, ou seja, seguinte à compreensão sobre os sentidos visados no enunciado, a fim de compreender como esses sentidos são materializados nos elementos linguísticos. Não há sentido no ‘vácuo’. Todo sentido é sempre masterizado na língua.

Ao invés de ‘fechar’ o trabalho com a língua a partir de análises que somente se circunscrevem no sistema da língua (‘significação-reprodutível’), na PAL/S, o trabalho busca entender como, a partir da análise da língua, diferentes recursos linguísticos podem receber matizes semânticos diversos, isto é, sentidos diversos a depender da situacionalidade da interação social (‘significação no contexto’ e ‘compreensão ativo-dialógica’). A gramática não fica isolada em si mesma, mas passa a ser uma etapa posterior à análise reflexiva dos elementos da língua. O estudo gramatical não se basta em si mesmo, mas passa a integrar um trabalho mais amplo de estudo da língua, que não limita às relações lógicas, mas se combina com as relações dialógicas. Não se limita às palavras-isoladas, frases e orações, mas estuda o enunciado nas várias interações sociais.

Bakhtin (2013 [1942-1945]) explica que as formas gramaticais, quando estudadas sob a ordem social dos enunciados, recebe uma ‘elucidação estilística’, ou seja, passa a ser estudada não como um recurso do sistema, mas como um recurso de estilo. Vejamos como o autor nos explica:

As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo. Nos tempos atuais essa afirmação, em sua formulação geral, já soa como um truísmo. Entretanto, no que diz respeito ao seu emprego concreto na prática educacional, a questão está longe do ideal. Na prática, muito raramente o professor dá e sabe dar explicações estilísticas para as formas gramaticais estudadas. Às vezes ele até aborda a estilística nas aulas de literatura (aliás, muito pouco e de modo superficial), mas o conteúdo das aulas de língua materna é a gramática pura. (BAKHTIN, 2013 [1942-1945], p. 23)

As explicações do autor insistem no trabalho com o estilo. Em termos gerais, na abordagem dialógica, estilo corresponde à mobilização de recursos lexicais, gramaticais e textuais, além de outras formas semióticas, utilizados, sob as lentes da enunciação, para, em dada seleção, ordem e disposição na estrutura do enunciado, atingir determinados sentidos e não outros. Para

Bakhtin (2013 [1942-1945]), se não (e)levarmos o trabalho com a gramática ao da estilística, estariam presos ao pensamento racional medieval, rígido, deslocado, descontextualizado – o ideal da Escolástica – que se baseava no *Trivium – Gramática, Retórica e Dialética* – (escolas medievais dos anos 1100 a 1500). Ao não estudar a estilística, estariam cristalizando o estudo da língua ao seu sistema. Ademais, ainda o autor nos diz que “toda forma gramatical é, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística.” (BAKHTIN, 2013 [1942-1945], p. 24-25)

A estilística, de base sociológica, à luz do enunciado (diferentemente de outras abordagens estilísticas, como as de cunho objetivista e subjetivista) entende que toda forma gramatical é sempre um potencial de significação, que só recebe seu sentido particular quando em uso por sujeitos na interação. Como já vimos, o estudo da gramática isolada só nos daria respostas ao nível da ‘significação-reprodutível’, ao passo que o estudo da gramática sob as lentes da ‘elucidação estilística’ nos daria respostas sobre a ‘significação no contexto’ e a ‘compreensão ativo-dialógica’.

**A PAL/S trabalha com a gramática sob as lentes da elucidação estilística na enunciação.** Distante de um trabalho essencialmente estrutural e sistêmico, a PAL/S inclui a gramática, mas a inclui a partir do estudo estilístico, o que permite um olhar social para a linguagem, mobilizando seu potencial crítico e de ‘significação no contexto’ e de ‘compreensão ativo-dialógica’, permeado por relações lógicas em combinação com as relações dialógicas. Em suma, a PAL/S inclui a gramática, já o inverso, não.



## CAPÍTULO 9

### **PAL/S trabalha com análise de *textos reais***

Há diferentes conceitos de ‘texto’ no campo dos estudos linguísticos. Conceitos voltados a uma visão objetivista, conceitos voltados a uma visão subjetivista e conceitos voltados a uma visão social. Conforme já discutido no capítulo 1, nossa abordagem é de uma concepção social de linguagem; com isso, nosso conceito de texto recebe a mesma ancoragem – a orientação social. Em outras palavras, dada nossa perspectiva teórico-metodológica, nossa visão sobre ‘texto’ é dialógica.

Numa abordagem dialógica de texto, Bakhtin (2003 [1959-1961]) explica que:

Todo texto tem um sujeito, um autor [...]. Os possíveis tipos, modalidades e formas de autoria. Em certos limites, a análise linguística pode até abstrair inteiramente da autoria [...]. O problema das fronteiras do texto. O texto como enunciado. [...] O texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo. [...] As relações dialógicas entre os textos e no interior de um texto. [...] Os dois polos do texto. Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). (BAKHTIN, 2003 [1959-1961], p. 307-310)

Bakhtin nos diz muito nessa explicação. Vejamos algumas considerações sobre texto que estão engendradas na citação acima: (i) todo texto tem autor. Como já vimos neste livro, os enunciados não nascem do vácuo, mas são sempre enunciados autorais, isto é, trazem consigo uma posição discursiva autoral. Por serem bilaterais e responsivos, todos os enunciados sempre se constituem marcados pelas posições de autor e de interlocutor. Essas posições

se entretecem na construção do enunciado em todos os seus aspectos (semântico-objetais, estilísticos e composicionais, como já discutimos); (ii) análises descritivas (com tom formalista) abstraem a autoria. Sob os panoramas subjetivistas e objetivistas de análise da língua (conforme cap. 1), a autoria, vista como uma instância discursiva (e, portanto, da língua viva nas interações sociais) não é contemplada. Esses tipos de análise linguística investem apenas no sistema da língua, nas suas formas e estruturas, sem qualquer objetivo voltado ao uso da língua nas interações; (iii) o texto visto como enunciado. Essa é uma questão fundante no pensamento de M. Bakhtin: o texto como texto-enunciado, ou seja, não o texto como uma ‘estrutura’ ou como uma ‘forma’ estanque e sistêmica, mas o texto como uma unidade de comunicação verbal.

O texto, sob o panorama dialógico, é visto como enunciado (e alguns pesquisadores brasileiros utilizam, inclusive, o termo ‘texto-enunciado’), por compartilhar das mesmas feições constitutivas e funcionais da enunciação (ver capítulo 2): a alternância de sujeitos na interlocução, a conclusibilidade e a expressividade. Por ter sempre autor e interlocutor (ver capítulo 7), por ser irrepetível no âmbito das interações e por sempre engendrado sob os matizes de duas dimensões – a social e a verbal (e suas formas multissemióticas) – o texto é um texto-enunciado. Com isso, as problemáticas das fronteiras do texto se referem ao como o texto pode ser entendido sob diferentes olhares teóricos e metodológicos – muitos campos o entendem como uma ‘forma’ ou ‘estrutura’, outros como um ‘construto mental’, e, nesta abordagem do nosso livro, como um construto social – um enunciado; (iv) as relações dialógicas entre textos e no interior dos textos: o texto como enunciado sempre é constituído por relações dialógicas, ou seja relações de sentido balizadas por diferentes projeções ideológicas e valorativas (conforme capítulos 5 e 6). Com isso, o sentido do texto é sempre um sentido resultativo das relações dialógicas. Todo texto traz sempre consigo textos outros, textos do outro, isto é, textos que orbitam em torno das interações na vida social. Quando enunciamos, não estamos enunciado o primeiro texto da vida social

(segundo Bakhtin, só o Adão mítico o fez), mas enunciamos textos que são engendrados por vários outros textos já-ditos nas diversas e plurais situações da vida. Assim, todo texto-enunciado é referenciado e balizado por vários outros textos a partir das relações dialógicas.

E ainda (v) há dois polos de estudo do texto: um polo que estuda o texto pelo viés da língua-sistema e um polo que estuda o texto pelo viés da língua-discurso. Essa consideração reforça toda a discussão anterior. No primeiro polo, o texto é visto como se fosse um 'conjunto de frases e orações'. Por outro lado, no segundo polo, o texto é 'enunciado'. Os dois polos regularizam diferentes caminhos de análise linguística com base em texto: um caminho essencialmente voltado à 'significação-reprodutível' e outro voltado a 'significação no contexto' e 'compreensão ativo-dialógica' (conforme capítulo 3).

**A PAL/S trabalha com textos reais, isto é, com o texto-enunciado. Isso implica um trabalho com a língua em uso na vida concreta, nas interações sociais.** A PAL/S não trabalha com frases e orações 'inventadas' por motivos de análise, mas com os textos-enunciados da vida real, que fazem parte de nossas relações intersubjetivas, de nossa vida social. A PAL/S trabalha com textos entendidos como enunciados reais e concretos.



## CAPÍTULO 10

### A PAL/S trabalha com a *dimensão social da linguagem*

Essa é a grande diferença da PAL/S em relação à análise gramatical: integrar à análise linguística sua dimensão social. Como vimos nos capítulos anteriores, por estarmos baseados em uma visão social de linguagem, na qual o enunciado, ou texto-enunciado, é nossa unidade de análise, a dimensão social é parte integrante da PAL/S. Mas o que significa analisar a língua à luz de sua dimensão social? Vejamos o que Volochínov (2013c [1930]) nos diz a esse respeito:

Não compreenderemos nunca a construção de qualquer enunciação – por completa e independente que ela possa parecer – se não tivermos em conta o fato de que ela é só um momento, uma gota no rio da comunicação verbal, rio ininterrupto, assim como é ininterrupta a própria vida social, a história mesma. [...] Por isso, seria uma tarefa desesperada tentar compreender a construção das enunciações, que formam a comunicação verbal, sem ter presente nenhum de seus vínculos com a efetiva situação social que as provoca. Assim, chegamos a nossa última conclusão: *a essência efetiva da linguagem está representadas pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações.* [...] situação [situação de interação social] não é senão *a efetiva realização na vida real de uma das formas, de uma das variedades, do intercâmbio comunicativo social.* [...] cada enunciação da vida cotidiana [...] compreende, além da parte verbal expressa, também uma parte *extraverbal* não expressa, mas subtendida – situação e auditório -sem cuja compreensão não é possível entender a própria enunciação. [...] chamemos, por convenção, de *orientação social* da enunciação [...]. A orientação social é uma das forças vivas e organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística, mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação. (VOLOCHÍNOV, 2013c [1930], p. 158-169, grifos do autor)

Volochínov nos explica várias questões sobre a orientação social da enunciação, o que baliza nossa discussão sobre como a PAL/S contempla a dimensão social em seu trabalho: (i) todo

enunciado é apenas uma ‘gota’ no rio da vida social, ou seja, todo enunciado é apenas um ‘elo’ na cadeia da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003 [1953/1953]). Não temos como entendê-lo de forma isolada, abstraída da vida social. Ao obliterar quaisquer dimensões da vida social no enunciado, estamos nos deparando com as palavras-isoladas, frases e orações da ‘significação-reprodutível’ da língua-sistema. Com isso, todo enunciado se orienta pela sua dimensão social; (ii) o enunciado é entendido como o meio e o material das interações sociais. As interações sociais são mediadas pelos enunciados e, por conseguinte, a realidade dos enunciados é a interação social e vice-versa.

A ‘situação de interação social’ é entendida como o lócus social de realização concreta e material da linguagem. É o espaço social no qual os usos da linguagem se materializam em enunciados. É o espaço das formas concretas e reais da língua – seus usos sociais. Só estudamos a linguagem na realidade social quando entendemos sua orientação social nas situações reais de interação da/na vida. Além disso, as situações de interação social se integram às esferas da atividade humana (aos campos da criação ideológica). É no interior das esferas da atividade humana que se constituem e funcionam as situações de interação social. Consequentemente, toda situação de interação social reverbera as demandas, coerções e feições das esferas; (iii) com isso, todo enunciado, além de sua dimensão verbal (e multissemiótica) se constitui, sobretudo, pela sua dimensão extraverbal (dimensão social). E essa dimensão social não apenas estabelece os sentidos da enunciação como sua estrutura gramatical (forma estilística).

Mas o que ‘há’ no interior de uma situação de interação social? Segundo Volochínov (2013d [1926], p. 78, grifos do autor) o contexto extraverbal se compõe de três elementos: “1) um *horizonte espacial compartilhado* por ambos os falantes (a unidade do visível: a casa, a janela etc.); 2) o *conhecimento e a compreensão comum da situação*, igualmente compartilhados pelos dois, e, finalmente; 3) a *avaliação compartilhada* pelos dois, desta situação. Em outras palavras, os três elementos acima reiteram a posição da orientação

social da enunciação. Na situação de interação, há sempre horizonte espaço-temporal, horizonte de compreensão da enunciação e uma valoração que se engendra no enunciado. Contudo, Volochínov (2013d [1926]) assim nos adverte:

Como, então, se relaciona este horizonte extraverbal com a palavra, como se relaciona o não-dito com o dito? Acima de tudo, aqui parece evidente que a palavra está longe de refletir a situação extraverbal da mesma maneira como um espelho reflete um objeto. Em nosso caso, a palavra, ao contrário, *resolve a situação*, ao proporcionar uma espécie de *resumo valorativo*. [...] Deste modo, a situação extraverbal não é tão somente a causa externa da enunciação, nem atua sobre esta como uma força mecânica externa. Não; *a situação forma parte da enunciação como parte integral necessária de sua compreensão semântica*. Portanto, uma enunciação da vida real, enquanto um todo pleno de sentido, compõem-se de duas partes: 1) de uma parte realizada verbalmente e 2) do subtendido. (VOLOCHÍNOV, 2013d [1926], p. 79, grifos do autor).

Volochínov novamente nos explica que não há uma relação de ‘causa-efeito’ e nem de ‘espelhamento’ entre a situação social e a enunciação. Há uma relação de ‘integração’ e de ‘resolução’, ao passo que todo enunciado resolve a interação, posto que sem a interação social, o enunciado perde sentido e vice-versa.

Com isso, o autor reitera: estudar o enunciado é investigá-lo não apenas sob a ordem de sua dimensão verbalmente (e multissemioticamente) realizada, mas, em adição, à luz de sua dimensão subtendida (a dimensão social). Em outro momento, Volochínov (2013c [1930]) ainda nos esclarece que, em questões de etapas metodológicas, o enunciado poderia ser estudado a partir de (a) seu intercâmbio comunicativo social; (b) sua interação verbal, para chegar (c) a suas formas gramaticais da língua na enunciação.

O autor começa explicando que toda enunciação se constitui e funciona no interior de intercâmbios comunicativos sociais, ou seja, nos campos da criação ideológica ou, no dizer de Bakhtin (2003 [1952/1953]), as esferas da atividade humana. É nas esferas que os enunciados se formam, se regularizam se legitimam e se tornam típicos (na forma de gêneros do discurso). Em complemento, Volochínov (2013c [1930]) ainda esclarece que o enunciado precisa,

em adição, ser estudado pelas lentes da interação verbal, isto é, precisa ser estudada a partir de como funciona no interior das situações de interação social (conforme discussões acima). Ao fim, postula que as formas gramaticais da língua na enunciação recebem os matizes de sentido das etapas anteriores, ou seja, nenhuma forma da língua (léxico, gramática, formas multissemióticas) podem ser estudadas de forma descontextualizada ou isolada, mas sempre integradas à sua dimensão extraverbal, que inclui o intercâmbio comunicativo social (campos da criação ideológica, esferas da atividade humana) e a situação de interação social. Em outras palavras, segundo Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 220),

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

É sob o panorama dessas explicações supracitadas que entendemos que **a PAL/S só pode ser realizada quando integrada à análise da língua sua dimensão social**. Não seria PAL/S se isso não ocorresse, pois estaríamos em uma prática de análise da língua essencialmente gramatical. Se o enunciado é a unidade de análise da PAL/S e este só pode ser entendido sob sua orientação social, a PAL/S somente pode ser trabalhada quando sob a baliza dessa abordagem sociológica.

## CAPÍTULO 11

### **A PAL/S trabalha com os gêneros do discurso**

O trabalho com gêneros do discurso é fundante na PAL/S sob a perspectiva dialógica. Dado que a PAL/S se baseia em uma concepção dialógica, é balizada pelos usos sociais da língua, na forma material de enunciados, os gêneros do discurso não estariam desconsiderados, posto serem as formas típicas, relativamente estáveis dos enunciados. Os gêneros do discurso se estabilizam relativamente no interior das esferas da atividade humana e sob as condições das situações de interação. Com isso, toda vez que nos utilizamos da língua, nas interações sociais, nos utilizamos de gêneros do discurso que não apenas medeiam essas interações como, a partir delas, resolvem os sentidos destas. Bakhtin (2003 [1953/1953]) assim nos explica:

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. [...] Nós aprendemos a moldar nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume [...] uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. [...] Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular de comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. [...] No gênero a palavra ganha certa expressão típica. (BAKHTIN, 2003 [1953/1953], p. 282-293, grifos do autor.)

Bakhtin nos ressalta que todos os enunciados, como unidades da comunicação discursiva, se regularizam e se estabilizam relativamente em formas típicas, isto é, sofrem um processo de tipificação no interior das situações de interação que, por sua vez, sofrem as reverberações sociais das esferas da atividade humana. Os gêneros se tipificam por meio da relativa estabilização de seu conteúdo semântico-objetual, de seu estilo e de sua construção composicional. O que dizer, o como dizer e a construção desse dizer passam a constituir o gênero e sua estabilização nas interações. Não enunciamos de forma aleatória, mas sempre respondemos a certos 'horizontes de expectativas', como se os gêneros nos possibilitasse a entender os 'modos sociais de dizer' na interação, por isso, Bakhtin (2003 [1952/1953]) nos esclarece que, pelos gêneros, podemos entender o volume, a extensão, uma determinada construção do enunciado do outro.

Com isso, o conteúdo temático (o que se diz no gênero), o estilo (a seleção, combinação e disposição de elementos e recursos da língua no gênero – recursos lexicais, gramaticais, textuais) e a construção composicional (o acabamento, a orquestração, a estruturação da construção enunciativa no gênero) passam a constituir o gênero do discurso, não apenas mobilizando sentidos (a depender da situação de interação), como possibilitando a 'construção do todo' da enunciação. Em outras palavras,

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais, escritos [e multissemióticos]) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis*

de enunciados, os quais denominamos de *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003 [1953/1953], p. 261-262, grifos do autor).

Como as duas citações acima nos esclarecem, os gêneros do discurso são enunciados relativamente estabilizados que, no interior das esferas da atividade humana, se constituem e funcionam por meio da tipificação de suas feições constitutivas, o conteúdo semântico-objetual, o estilo e a composição. Os três elementos são indissociáveis e se integram ao enunciado, dando-lhe o estatus de gêneros do discurso. Comunicamo-nos somente por meio de gêneros, sem os quais a comunicação seria impossível. Além disso, os gêneros nos possibilitam entender que os usos da língua são sempre balizados pelas demandas da situação de interação, e não são usos aleatórios, mas sempre ancorados na comunicação.

Em outras palavras, o trabalho com os gêneros do discurso nos possibilita entender (i) como os elementos e recursos linguísticos são utilizados sob a ordem da 'significação reprodutível' à luz da 'significação no contexto' e da 'compreensão ativo-dialógica' (conforme capítulo 3); (ii) como os elementos da língua são sempre saturados de ideologias e valorações (conforme capítulo 5); e ainda (iii) como os elementos da língua são estudados por meio das relações lógicas e dialógicas sob os matizes da enunciação (conforme capítulo 6).

Ademais, o estudo dos gêneros nos lança luz sobre como o trabalho com os elementos gramaticais podem ser investigados pela 'elucidação estilística', conforme discutimos no capítulo 8. Em suma, estudar a língua sob a ótica dos gêneros do discurso, é estudá-la sob o panorama social e sob uma dimensão crítica (conforme capítulos 1 e 4, respectivamente).

**A PAL/S trabalha com gêneros do discurso, enunciados relativamente estabilizados nas esferas sociais.** Como a unidade de trabalho são os enunciados e estes se tornam típicos nas interações, na forma de gêneros do discurso, por conseguinte, os gêneros discursivos balizam o trabalho com a PAL/S sob uma abordagem dialógica. Trabalhar com gêneros do discurso não

apenas referencia um trabalho a partir dos usos sociais da linguagem como, por conseguinte orienta o trabalho do professor que se desloca de uma prática voltada à língua-sistema, para uma prática que se baliza pela língua-discurso, a língua concreta e real na vida social.

## CAPÍTULO 12

### A PAL/S inclui a *multissemiose*

Por ‘multissemiose’, compreendemos as diferentes formas semióticas da linguagem – visual, sonora, gestual, audiovisual etc. A linguagem se manifesta de diferentes modos, as semioses são múltiplas. Em nossa vida social, nos utilizamos da linguagem sob diferentes manifestações sígnicas, como, por exemplo, ao nos depararmos com um semáforo, ao usarmos determinados gestos e posturas na comunicação, além de todas as imagens com as quais nos deparamos na vida cotidiana. O mundo social é multissemiótico. E essa multissemiose se materializa em enunciados.

Todo uso da linguagem, em qualquer manifestação semiótica, se realiza concretamente na forma de enunciados. Em outras palavras, como bem explica Volóchinov (2017 [1929/1930]), a palavra é forma, por excelência, concreta dos signos na vida social. Nossa realidade é mediada por signos. E não por signos entendidos como construtos sistêmico-objetivistas (veja a concepção objetivista de linguagem no capítulo 1), mas signo entendido como ‘signo ideológico’.

[...] além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, existe um mundo particular: *o mundo dos signos*. Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sígnica.* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 93, grifos do autor).

A partir dessa explicação, compreendemos que toda manifestação semiótica é uma manifestação sógnica e, por conseguinte ideológica, respondendo às feições da situação de interação social. E se, para Volóchinov (2017 [1929/1930]), todo signo ideológico se materializa na palavra, não vista como ‘palavra-isolada’, mas como ‘palavra-enunciado’, toda multissemiótica é, portanto, uma construção sógnica e, por conseguinte, sua materialidade concreta é o enunciado. Com isso, entendemos, sob o paradigma dos escritos dialógicos do Círculo, que todo e qualquer uso multissemiótico da linguagem é uma enunciação.

Sob essa perspectiva, quaisquer usos visuais, orais, gestuais, e em suas ‘misturas híbridas’ (audiovisuais, audiogestuais etc.) da linguagem são ‘enunciados visuais’, ‘enunciados orais’, ‘enunciados gestuais’ etc. e devem ser estudados sob a orientação sociológica da enunciação (conforme capítulo 2). Enunciados multissemióticos devem ser estudados, considerando suas feições constitutivo-funcionais enquanto ‘enunciados’, como sabemos: a alternância de sujeitos do discurso, conclusibilidade e expressividade. Devem ser estudadas as questões voltadas à dimensão social destes enunciados, tais como a sua esfera da atividade humana, as situações de interação que medeiam, além de aspectos voltados às ideologias e às valorações (conforme capítulos 2, 5 e 10). Ademais, todo enunciado multissemiótico relativamente se estabiliza na forma de gêneros discursivos multissemióticos.

O que podemos reiterar é que todo uso da linguagem, independentemente de sua manifestação semiótica, se realiza sempre na forma concreta de enunciados. Sejam eles escritos, orais ou multissemióticos, são sempre a unidade de comunicação discursiva com a qual trabalhamos, quando nos voltamos ao trabalho com a uma concepção social de linguagem. O enunciado e suas formas típicas, os gêneros do discurso, são nosso objeto de análise numa abordagem que se volte aos usos sociais da linguagem na vida. Com isso, as orientações de trabalho com enunciados escritos ou orais, se voltam, em adição, aos enunciados multissemióticos, atentando para suas particularidades

constitutivo-funcionais típicas da multissemiose (vejamos, por exemplo, um enunciado como a 'fotografia': aspectos voltados ao ângulo, cores, distanciamento, aproximação, espaço de fundo, dentre outras instâncias são analisadas como elementos temático-estilístico-composicionais. Um outro exemplo, como o enunciado 'entrevista televisiva', aspectos como entoação, recursos paralinguísticos, gestuais, posição do corpo, enquadramento da câmera, olhar direto, indireto, troca de turnos da fala etc., são mobilizados para análise, sob as lentes da enunciação e de suas feições temático-estilístico-composicionais). Essa é umas das questões centrais de diferença entre a análise gramatical e a PAL/S, a primeira exclui qualquer análise que se volte à multissemiose.

**A PAL/S trabalha com enunciados multissemióticos**, isto é, enunciados sejam escritos, orais, ou de qualquer outra manifestação semiótica (visual, gestual, audiovisual, audiogestual etc.), considerando que qualquer uso social da linguagem, sob o entendimento de que qualquer forma sígnica (semiótica), se materializa em enunciados e, por conseguinte, em suas formas típicas, os gêneros do discurso.



## CAPÍTULO 13

### A PAL/S inclui a *análise literária*

O trabalho com os usos sociais da linguagem não exclui a 'estética', isto é, os usos linguísticos na esfera artístico-literária. Enunciados do campo da literatura são contemplados pelo trabalho com a linguagem em uma perspectiva social. Embora haja caminhos ainda formalistas para o estudo da literatura, numa abordagem dialógica, o olhar é de cunho sociológico, em outras palavras:

O estudo da literatura é um dos ramos do vasto campo da ciência das ideologias, abarcando, sobre o fundamento de um único princípio de compreensão do seu objeto e de um único método de estudo, todos os campos da criação ideológica do homem. No entanto, até hoje, o estudo detalhado das particularidades específicas, da peculiaridade qualitativa de cada campo da criação ideológica – ciência, arte, moral, religião -, encontra-se ainda em estado embrionário. [...] Como consequência, ou a especificidade do fenômeno estudado é afetada, como no caso da obra de arte, ou, então sua análise “imanente”, que leva em conta essa especificidade se, no entanto, ter nada em comum com a sociologia, é ajustada artificialmente à base econômica. O que falta é justamente um estudo sociológico elaborado sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo da criação ideológica. [...] Os estudos literários são um ramo da ciência das ideologias. [...] A literatura insere-se na realidade ideológica circundante como sua parte independente e ocupa nela um lugar especial sob a forma de obras verbais organizadas de determinado modo e com uma estrutura específica própria apenas a elas. Ela, como qualquer estrutura ideológica, refrata à sua maneira a existência socioeconômica em formação. Porém, ao mesmo tempo, a literatura, em seu “conteúdo”, reflete e refrata as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas [...], ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo”, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é parte. [...] Assim, a literatura reflete, em seu conteúdo, um horizonte ideológico, isto é, as outras formações ideológicas não artísticas [...]. Mas, ao refletir esses outros signos, a própria literatura cria novas formas e novos signos de comunicação ideológica. E esses signos, que são obras

literárias, torna-se elementos efetivos da realidade social do homem. (MEDEVIÉDEV, 2012 [1928], p. 43-61, grifos do autor).

Medviédev (2012 [1928]) nos explica que toda obra literária é um signo ideológico. Ao ser entendida como tal, toda obra literária é ideologicamente e valorativamente engendrada por sentidos que se constituem na vida social, regularizados e legitimados pelas/nas esferas da criação ideológica. Em outras palavras, toda obra literária é um enunciado, uma unidade real e concreta da comunicação discursiva e, portanto, não deve ser estudada como uma forma, uma estrutura ou um sistema formalizado, como um artefato da língua-sistema, mas como um signo-ideológico, um enunciado vivo da língua-discurso (conforme capítulo 1).

E como enunciado vivo, as obras literárias precisam ser estudadas sob as lentes da ‘significação no contexto’ e da ‘compreensão ativo-dialógica’ (conforme capítulo 3), excluindo análises meramente descritivas (focadas na análise de elementos da língua sob o escopo de palavras-isoladas, frases e orações no conjunto) e contemplando análises interpretativas (focados na obra literária como signo ideológico), focalizando a obra literária como um ‘enunciado-elo’ na cadeia discursiva de/com outros enunciados da vida. Focalizar a obra literária sob a ótica de metodologias sistêmicas e estruturais da língua, sob o plano da descrição gramatical, não somente oblitera os sentidos que se matizam na obra, como a abstrai de qualquer reverberação social, história e cultural. Colocar a obra literária sob o julgo de uma análise gramatical – uma análise ‘imaneente’, é entendê-la como um conjunto de frases e orações sem qualquer vínculo com a vida social.

Por outro lado, ao entender a obra literária sob o âmbito da língua-discurso e, por conseguinte, entendendo-a como um enunciado, a obra literária passa a ser estudada e compreendida sob as lentes da enunciação e, por conseguinte, dos usos da língua na vida social. Um elo com a sociedade, com a história e com a cultura. Bakhtin (2003 [1970/1979]) assim compreende:

Antes de mais nada, os estudos literários devem estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, por assim dizer, passando por cima da cultura. Esses fatores agem sobre a cultura no seu todo e só através dela juntamente com ela influenciam a literatura. Bakhtin (2003 [1970/1979], p. 360-361)

O que nos referimos nesta discussão é que a análise literária deve receber uma abordagem sociológica de estudo linguístico. Distante de formalismos e análises meramente gramaticais (em que elementos linguísticos são apenas identificados e classificados em dados literários), nos aproximamos de uma abordagem sociológica, que entende a obra literária como um signo ideológico, que se materializa em enunciados, que reverberam os matizes ideológicos e valorativos de sua esfera social, o campo artístico-literário. A obra reflete e refrata realidades. Traz à tona aspectos históricos, culturais e políticos. Estudar a obra literária como enunciado é compreender nesta ‘sentidos’ que só podem ser explicados sob as lentes do social. **A PAL/S inclui a análise de obras da literatura e as inclui sob as lentes da enunciação.**



## CAPÍTULO 14

### **A PAL/S é (portanto) uma prática de linguagem de base *discursiva***

Afirmar que a PAL/S é uma prática de linguagem de base discursiva, nos faz refletir, primeiramente o que é uma ‘prática de linguagem’ e, num segundo momento, o que é ‘discurso’. Iniciamos afirmando, a nosso ver (e sob nossa responsabilidade) que a PAL/S não é uma teoria, não é uma metodologia e não é, em adição, uma abordagem/uma perspectiva ou um campo de estudos linguísticos. A PAL/S é uma ‘prática de linguagem’, ou seja, uma unidade básica de ensino, um dos eixos de ensino, uma das práticas de ensino em contexto de escolarização. Integrado às outras práticas, como a leitura, oralidade e produção de textos, a PAL/S é, portanto, uma prática de linguagem voltada ao trabalho de ensino da língua em contexto de escolarização. Dessa forma, pode assumir diferentes caminhos teórico-metodológicos de trabalho (diferentes campos/áreas/domínios de estudos linguísticos); neste livro, assumimos o caminho de trabalho com os Estudos Dialógicos da Linguagem, como já dito na introdução.

Sob essa questão supracitada, cabe uma ressalva: embora a PAL/S possa assumir diferentes abordagens teórico-metodológicas de trabalho, não pode assumir qualquer campo. Por ser uma prática de linguagem voltada aos usos linguísticos em contextos de interação (esse é um fundamento basilar da PAL/S independente da abordagem teórica), a PAL/S somente assumi abordagens de estudos linguísticos que se voltem aos usos sociais da linguagem. Estudos estruturais, formais, sistêmicos, cognitivos, dentre outros, desvinculados do campo sociológico da linguagem não são assumidos pela PAL/S, mas acabam, em sua grande maioria, vinculados a análises gramaticais de cunho objetivista ou subjetivista. Com isso, reafirmamos: a PAL/S só pode ser

trabalhada quando assumida por abordagens sociais da linguagem (conforme capítulo 1).

Além disso, com base em todos os capítulos anteriores, podemos ratificar que a **PAL/S é uma prática de linguagem de base discursiva**. À luz dos escritos do Círculo, entendemos 'discurso' como a língua viva, concreta e em uso nas mais variadas e plurais situações de interação social. Diferentemente da língua vista como uma estrutura sistêmica ou vista como uma criação mental de um sujeito individual, a PAL/S trabalha com o discurso, a língua-discurso, entendida sempre como o uso real e concreto da língua na vida social. Todos os capítulos anteriores, portanto, ratificam exatamente nossa visada neste livro: discutir os pressupostos do trabalho com a *PAL/S de base dialógica*, ou seja, um *trabalho enunciativo-discursivo com a PAL/S nas aulas de Língua Portuguesa*.

## CAPÍTULO 15

### A PAL/S de base dialógica

Neste momento, cabe retomarmos os pressupostos delineados em cada capítulo deste livro. Eles são os matizes nos quais e a partir dos quais os pressupostos que orientam o trabalho com a PAL/S de base dialógica se sustentam. Vejamos<sup>14</sup>.

Inicialmente, nossa discussão começa com a explicação voltada à *concepção social de linguagem*. Diferentemente das concepções objetivista e subjetivista de linguagem, a PAL/S se orienta a partir de um trabalho sociológico com a língua. Nesse caminho, ao invés de estudar a língua a partir de sua estrutura e de seu sistema abstratos, estudamos a língua a partir de seus usos na vida social. Essa é a primeira premissa.

Em um segundo momento, discutimos que a PAL/S não se limita ao trabalho com as palavras-isoladas, as frases e as orações descontextualizadas, mas, por outro lado, dada a concepção social da linguagem, se trabalha com unidades de comunicação discursiva reais e concretas – *o enunciado*. O ‘enunciado’ é a unidade de trabalho com a PAL/S, o que nos leva a investigar (o que foi feito neste livro) a diferença entre orações – unidades convencionais da língua (língua-sistema) e os enunciados – unidades discursivas da língua (língua-discurso). Com palavras-isoladas, frases e orações, a análise é essencialmente gramatical (gramática escolar, gramática conceitual, gramática normativa, dentre outras ‘gramáticas’ centradas na forma). Com enunciados, a análise se volta à PAL/S.

Em nosso terceiro capítulo, por sua vez, explicamos que a PAL/S de base dialógica não se cristaliza na ‘descrição linguística’,

---

<sup>14</sup> Você pode ler esse capítulo em diálogo direto com os capítulos anteriores. Neste há uma retomada direta das discussões apresentadas previamente, numa forma de sintetizar algumas questões. Além disso, outras discussões são acrescidas.

mas, pela *compreensão* linguística. Disso resulta que, ao invés de nos encaminharmos para uma análise apenas identificatória e classificatória da língua, nos voltamos à compreensão dos usos linguísticos, que envolve a descrição, mas como etapa subsequente à compreensão. Enquanto a ‘descrição’ envolve identificação e classificação de recursos da língua e, por conseguinte, somente a ‘significação-reprodutível’, a compreensão se realiza a partir de três etapas engendradas: ‘a significação-reprodutível’, a ‘significação no contexto’ e ‘a compreensão ativo-dialógica’. Dessa forma, a PAL/S é um trabalho de compreensão dos usos sociais da língua nas interações.

Em nosso quarto capítulo, procuramos evidenciar que a PAL/S é um trabalho crítico, ou seja, um *estudo crítico da linguagem*. Sob esse aspecto, procuramos explicar que não se trata de qualquer uso do termo ‘crítico’. Não é usar ‘crítico’ como equivalente a um trabalho de revisão, redimensão ou reflexão sobre os elementos da língua no interior do sistema (como alguns estudos formalistas apresentam), mas ‘crítico’ sob a baliza do ‘social’. Dessa forma, a visão crítica se sustenta pela visão social, na busca de desvelar sentidos ideológico e valorativamente saturados. Entender discursos opacos, hegemônicos, autoritários etc. e não apenas voltar-se de forma analítica a elementos da língua desvinculados da vida real. Em suma, a PAL/S visa um trabalho de análise crítica da linguagem, à luz das demandas e reverberações das interações sociais.

O quinto capítulo nos traz uma discussão sobre *ideologia* e *avaliação* na linguagem. Posto estarmos baseados em uma concepção social de linguagem sob um escopo crítico, o estudo das projeções ideológicas e valorativas são centrais para um trabalho de PAL/S. Com isso, a PAL/S trabalha com análises que provocam reflexões sobre ‘ideologias’ e ‘avaliações’ da/na linguagem. Por ‘ideologia’, com base no Círculo, entendemos formas e modos sociais de compreender e interpretar a realidade social mediada por signos (signos sociais). O conceito de ‘avaliação’, segundo o Círculo, nos leva a entender como avaliamos socialmente a vida, respondendo, por meio da linguagem, a diferentes visões e pontos de vista

do/sobre/com o mundo. Assim, ideologia e valoração trabalham organicamente juntas na constituição social da linguagem.

Com base nos pressupostos acima, o sexto capítulo retoma as discussões do Círculo sobre *relações lógicas e relações dialógicas*. As relações lógicas dizem respeito ao construto dos elementos da língua sob o paradigma da ‘significação’ no âmbito da língua-sistema. É o que pode ser reproduzido, repetido e faz parte dos estratos do sistema linguístico. Por outro lado, as relações dialógicas, por sua vez, são relações extralinguísticas, relações semântico-ideológico-axiológicas, ou seja, relações de sentido que substanciam e se engendram em qualquer uso da língua (língua-discurso) nas interações. A PAL/S trabalha com a ‘combinação’ entre relações lógicas e relações dialógicas na/da linguagem.

Não poderíamos deixar de discutir aspectos voltados à *autoria* e ao *interlocutor*, numa PAL/S de base dialógica. Não há enunciado sem autor e sem interlocutor. Todo enunciado é bilateral, pois é produzido por um sujeito e direcionado a outro, às respostas de outrem. Autoria e interlocutor são posições discursivas e constituem todo e qualquer uso social da linguagem.

Uma questão importante que trouxemos à discussão, foi a afirmação de que a *PAL/S inclui a gramática* no capítulo 8. Mas, mesmo com a afirmativa, deixamos claro de que não se trata de reproduzir a gramática (independente de sua tipologia) de forma conceitual, normativa e voltada à descrição. O que reiteramos é que o estudo da gramática é uma etapa subsequente à análise reflexiva dos elementos da língua na enunciação. É somente posterior à análise da língua sob uma ‘elucidação estilística’, que as questões de descrição gramatical podem ser apresentadas, mas nunca de forma descontextualizada. Em outras palavras, como vimos no capítulo 3, é uma integração entre ‘significação-reprodutível’, ‘significação no contexto’ e ‘compreensão ativo-dialógica’ ou ainda, como visto no capítulo 6, é uma ‘combinação’ entre ‘relações lógicas e ‘relações dialógicas’, mas sem se fundirem e se fecharem em si mesmas. Com isso, a PAL/S inclui a gramática sob a ordem do estilo, isto é, de um estudo da elucidação estilística da gramática.

Nesse panorama, a discussão sobre a PAL/S trabalhar com *textos reais* é apresentada no capítulo 9. Em estudos de análise gramatical, os dados são ‘inventados’ ou ‘descontextualizados’ a partir de exemplos de palavras-isoladas, frases e orações que apenas servem para afirmar a identificação e a classificação de instâncias sistêmicas da língua (identificar e classificar fones, fonemas, morfemas e sintagmas). No trabalho com textos reais, por outro lado, os recursos da língua são estudados sob a ordem dos sentidos projetos pelo autor na interação. Não se deixam de estudar os recursos da língua (já vimos isso no capítulo 3, 6 e 8) com textos reais, mas eles recebem uma análise estilística baseada nas demandas e feições da interação social. Há uma integração entre refletir e descrever. A unidade de trabalho passam a ser ‘textos-enunciados’, isto é, textos reais, concretos, que circulam na vida social.

O capítulo 10 parece trazer uma síntese, embora tenhamos mais outros capítulos a frente. Dizemos isso, porque o capítulo trata da *dimensão social*. A PAL/S só trabalha com usos da língua sob a ordem de sua dimensão social. Essa é uma questão praticamente discutida em todos os capítulos (sob o escopo de outros conceitos), mas aqui reforçada como um dos pressupostos de uma PAL/S de base dialógica. Só é possível um trabalho sob as balizas dos escritos dialógicos do Círculo, se entendemos que todo uso da língua se dá por formas reais e concretas – os enunciados – nas mais diversas situações de interação que se constituem e funcionam, por sua vez, no interior das esferas da atividade humana (campos de criação ideológica). Uma PAL/S desvinculada da dimensão social da linguagem, seria essencialmente uma análise gramatical.

O trabalho com os *gêneros do discurso* é o foco do capítulo 11. Se os enunciados são as unidades de trabalho com a PAL/S de base dialógica, suas formas típicas, relativamente estabilizadas nas interações, não poderiam ser excluídas. Os gêneros do discurso passam a ser integrados ao trabalho com a PAL/S posto que, segundo o Círculo, só nos comunicamos na forma de gêneros discursivos. Sem estes, a comunicação seria inexequível. Dessa forma, o trabalho com as esferas sociais, com as situações de

interação e, no escopo destas, os gêneros do discurso passam a ser instâncias centrais com o trabalho da PAL/S. O trabalho com os gêneros do discurso reforça ainda mais as discussões dos capítulos anteriores, todos voltados a uma concepção social de linguagem, o núcleo balizador da PAL/S.

Como o próprio termo já explicita, a PAL/S trabalha com as semioses, isto é, com as múltiplas manifestações semióticas da linguagem – a *multissemiose*. Na vida social contemporânea em que vivemos engendrados a diferentes formas, modos e modalidades de comunicação, a PAL/S não poderia se distanciar de um trabalho voltado à multissemiose. Com isso, o trabalho não se limita a textos-enunciados escritos, mas contempla textos-enunciados orais, visuais, gestuais, dentre outras formas semióticas, como discutido no capítulo 12.

Na sequência, discutimos, no capítulo 13, uma questão importante: a PAL/S inclui a *análise literária*. Diferentemente de análises gramaticais que excluem as obras literárias ou as utilizam apenas como pretexto para descrições gramaticais, a PAL/S as inclui entendendo-as como enunciados concretos, vinculados à história e a cultura da vida social. Com isso, as obras literárias passam a ser analisadas sob a ótica do estilo, em combinação com as instâncias do semântico-objetal e da composição, alinhadas às dimensões sociais da esfera (a esfera artístico-literária) e às demandas históricas e culturais (portanto, ideológico-axiológicas) que se entretecem na esfera e, por conseguinte, nas situações de interação. A obra literária passa ser analisada sob a ordem da combinação entre relações lógicas e relações dialógicas e sob as lentes da ‘elucidação estilística’.

Por fim, a PAL/S de base dialógica é essencialmente *discursiva*. O discurso é a língua viva, ou seja, a língua não no seu sistema imanente, cristalizada, engessada e ‘morta’, mas a língua das/nas interações. Língua que sujeitos se utilizam nas mais variadas situações sociais nas quais se engajam. A PAL/S trabalha com uma visão de língua-discurso e, portanto, defende uma orientação

discursiva para a análise linguística e tendo o enunciado como a realização concreta do discurso, conforme capítulo 14.

Dadas as retomadas dos capítulos do livro, podemos entender que os pressupostos que orientam uma PAL/S de base dialógica se resumem ao trabalho com a linguagem sob uma abordagem sociológica. Em outras palavras, a PAL/S só pode se realizar quando entendida sob um caminho de análise linguística de base social. Não temos como trabalhar com a PAL/S quando a abordagem teórico-metodológica que orienta nossa prática não seja de base sociológica, estaríamos ratificando uma ‘contradição’. Integrar a PAL/S em nosso trabalho didático-pedagógico é, antes de tudo, entendermos que a abordagem teórica e metodológica de orienta nossa docência responde à concepção social de linguagem.

Cabe-nos, neste momento, trazer algumas ressalvas que precisam ser discutidas no escopo deste livro. Embora o tema da PAL/S não seja recente (sua proposta inicial é datada de início dos anos de 1980), ainda há muitas inquietações, incompreensões e apropriações do termo que podem levar o leitor a se questionar, afinal como entender a PAL/S no âmbito das práticas de linguagem na aula de Língua Portuguesa no contexto da Escola de Educação Básica. Em função disso, mesmo nosso livro sendo uma proposta de PAL/S de base dialógica, vejamos, ainda, algumas *considerações sobre a PAL/S que orbitam em torno de seu trabalho* e que regimentam nosso escopo, que é a perspectiva dialógica:

(1) PAL/S não é um tema recente: sua primeira menção está na obra de João Wanderley Geraldi, *O texto na sala de aula*, obra de 1984. Nessa coletânea, o autor apresenta vários caminhos de trabalho com a linguagem sob uma perspectiva interacional, reunindo diversos autores do Brasil que trazem reflexões e orientações didático-pedagógicas sobre o ensino da língua portuguesa na Educação Básica. Além disso, PAL (sem sua integração à semiótica) é uma prática de trabalho com a língua na escola no documento político-educacional *Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa*, documento do Ministério da Educação, datado de 1985 (relatório

conclusivo). Nesse documento parametrizador, a PAL é orientada a ser trabalhada em integração com as práticas de leitura e de escrita (BRASIL, 1985, p. 13-14). Dessa forma, podemos entender que a PAL/S não é um tema recente, mas vem sendo debatido e proposto há mais de 40 anos. É com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998) e com a recente publicação da *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018) que novas questões, reflexões e pesquisas voltam com força.

(2) A PAL/S está em documentos político-educacionais: como já mencionado no item anterior, a PAL/S está nas orientações dos documentos políticos-educacionais federais, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL; 1998) e na *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018). Com isso, a orientação para o trabalho com a língua nas aulas de Língua Portuguesa na escola de Educação Básica segue os delineamentos didático-pedagógicos com a PAL/S. O trabalho restritivo com a gramática (conceitual, normativa e/ou escolar) contaria as orientações dos documentos e se caracteriza contrária à concepção de linguagem que baliza os supracitados documentos parametrizadores federais<sup>15</sup>. Um trabalho voltado à língua-sistema, à análise de palavras-isoladas, frases ou orações desvinculadas de qualquer matiz social, distanciam-se de qualquer orientação teórico-metodológica e didático-pedagógica legitimada pelos documentos político-educacionais brasileiros.

(3) A PAL/S é uma prática de linguagem: já pontuamos neste livro que a PAL/S não é uma teoria, mas uma prática de linguagem. Em outras palavras, a PAL/S não é uma abordagem teórica, uma perspectiva científica (embora seja balizada por abordagens, como veremos a seguir), mas uma “unidade básica de ensino” (GERALDI, 1984) ou um “eixo de ensino” (BRASIL, 1998). Com isso, precisa ser entendida como uma das práticas de ensino

---

<sup>15</sup> Embora resultados de pesquisas recentes em Linguística Aplicada demonstrem que há um certo *mosaico* de concepções de linguagem nos documentos que, por conseguinte, reverberam diferentes abordagens teórico-metodológicas.

mobilizadas em sala, e não uma teoria científica. A PAL/S não é a análise linguística operacionalizada na esfera acadêmica (nos cursos de graduação, pós-graduação sob o escopo de diferentes áreas de teoria linguística sistêmica), mas uma prática de linguagem a ser integrada às outras práticas – práticas de leitura, de oralidade e de produção de textos. A PAL/S está engendrada nos dois âmbitos de trabalho com a linguagem, como postulam os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998): no âmbito do ‘uso’ mobilizam-se as práticas de leitura, oralidade e produção de textos e, no âmbito da ‘reflexão’, as práticas de análise linguística (que, após a publicação da *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018), integra o ‘semiótico’ ao termo, isto é, a PAL/S)<sup>16</sup>.

(4) A PAL/S pode receber diferentes abordagens teórico-metodológicas: como já explicamos em outro momento deste livro, a PAL/S pode ser referenciada por diferentes abordagens teórico-metodológicas. Contudo, dado seu escopo de trabalho com a língua-discurso e sob o matiz da concepção social de linguagem, nem todas as abordagens teórico-metodológicas podem ser referenciadas. Teorias formais, sistêmicas e desvinculadas da vida não podem ser articuladoras do trabalho com a PAL/S. Seria uma contradição, posto a PAL/S ser uma prática de linguagem que mobiliza os usos linguísticos nas interações sociais. Neste livro, estamos propondo uma PAL/S de base dialógica, como já propomos em outros momentos (ACOSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021). Dessa forma, reiteramos que, abordagens de estudos científicos voltados à língua-sistema e, portanto, à sua forma e estrutura a partir de análises de palavras-isoladas, frases e orações e somente atentivas ao que é homogêneo e imanente na língua não são abordagens articuladoras na PAL/S.

---

<sup>16</sup> Sugerimos a leitura dos documentos político-educacionais brasileiros de forma crítica, buscando entender como tais orientações são discursivizadas sob um determinado panorama ideológico (sob o escopo de uma determinada visão de mundo).

(5) A PAL/S demanda uma análise integrada às outras práticas: essa é uma questão que mencionamos por várias vezes neste livro. A PAL/S se integra às práticas de leitura, de oralidade e de produção de textos. Dado seu escopo de trabalho com a linguagem sob um matiz sociológico não seria diferente. Com isso, ao se trabalhar com a PAL/S nas aulas de língua portuguesa, práticas de leitura, oralidade e de produção de textos precisam ser integradoras, articuladas à PAL/S, ou seja, as atividades didático-pedagógicas de PAL/S se entrecruzam nas atividades de leitura, oralidade e produção de textos. Sobre essa questão, uma importante consideração: dado que a PAL/S se integra às outras práticas de linguagem, é preciso entender que tais práticas, por sua vez, em adição à PAL/S, são balizadas pela mesma abordagem teórico-metodológica (embora, diálogos entre diferentes abordagens sejam válidos). Neste livro, entendemos as práticas de leitura, de oralidade e de produção de textos sob uma perspectiva dialógica. Em outras palavras, tanto para o trabalho com a PAL/S, quanto para o trabalho com as outras práticas de linguagem, nossa unidade de estudo é o ‘enunciado’ ou, como discutimos ao longo do livro, o ‘texto-enunciado’, com todas as suas feições constitutivo-funcionais e sob o matiz da sua dimensão social (extraverbal).

(6) A PAL/S não é ‘gramática contextualizada’ e nem “gramática aplicada a textos”: algumas abordagens voltadas ao trabalho com a gramática na escola tem ratificado seu olhar sob as lentes do ‘contexto’; contudo, mesmo apresentando orientações que se denominam ‘contextualizadas’ acabam ainda se restringindo à análise da palavra-isolada, da frase, da oração e do texto sob um viés imanente, voltado às instâncias constitutivas internas do texto, seu ‘cotexto’. Nem sempre o ‘contextualizado’ significa estudar as condições sociais da interação. Muitas vezes é usado apenas tendo em vista a construção interna do texto. Ademais, cabe explicar que a PAL/S não é equivalente à ‘gramática aplicada a textos’ como recorrentemente usado nos anos de 1980 e 1990. Apenas ‘aplicar’ elementos gramaticais a textos, levaria a

estudar os recursos da língua sob um viés descritivista, tendo o texto apenas como um ‘pretexto’ para identificação e classificação de categorias gramaticais. Dessa forma, sugerimos cuidar o uso discriminado dos termos acima (‘gramática contextualizada’ e ‘gramática aplicada a textos’) e, por muitas vezes, utilizado como equivalente à PAL/S. A PAL/S não se restringe a textos vistos como formas ou estruturas linguísticas, mas se articula a textos vistos como textos-enunciados (conforme capítulos 2, 9 e 11).

(7) PAL é uma força centrífuga: como Bakhtin (1998 [1975]) explica, todo discurso é constituído por uma arena de forças ideologicamente saturadas – as forças que buscam homogeneizar e estabilizar a língua e, por outro lado, as forças que buscam heterogeneizar e diversificar a língua. Ambas estão sempre em luta na arena que é o discurso. As forças centrípetas de unificação e de homogeneização ratificam a postura de uma língua-sistema que, dado seu escopo imanente, se volta à análise gramatical, uma análise voltada às palavras-isoladas, às frases e às orações. Do outro lado, as forças centrífugas de desunificação e da heterogeneidade que reiteram uma postura sociológica de língua, a língua-discurso, sua diversidade, fluidez e historicidade<sup>17</sup> e se voltam à análise de enunciados concretos na/da vida social. A PAL/S é, portanto, uma força centrífuga em luta contra a força centrípeta que busca, de todas as formas, advogar a favor de uma língua-sistema, rígida, homogênea e engessada a seu sistema na escola<sup>18</sup>.

(8) A PAL/S é indutiva: como sabemos, enquanto o ‘método indutivo’ parte de casos específicos para tentar chegar a uma regra geral, o ‘método dedutivo’ parte da compreensão da regra geral para chegar à conclusão dos casos específicos. A PAL/S é essencialmente indutiva, pois trabalha com as ‘regularidades da língua em uso’ e não com as ‘repetibilidades da língua no sistema’. O trabalho se dá a partir

---

<sup>17</sup> Sugerimos a leitura de várias pesquisas de base dialógica que tratam da *historicidade da/na linguagem*.

<sup>18</sup> Essa luta não é atual, pois se inicia há muitas décadas no Brasil, em especial, após a década de 1980. Sugerimos a leitura de várias pesquisas sobre a *história do componente curricular Língua Portuguesa* na escola brasileira.

dos usos específicos da língua na enunciação em dada situação de interação e, com isso, os recursos linguísticos são entendidos sob a ótica da situacionalidade da interação e não apenas na generalidade do seu sistema. Dessa forma, a PAL/S ratifica sua abordagem indutiva, buscando contemplar as ‘regularidades’ da língua a partir de seus estudos em torno da ‘combinação’ entre relações lógicas e dialógicas (conforme capítulo 6).

(9) A PAL/S é resistência: afirmamos que a PAL/S é resistência por várias razões. Primeiramente, porque se coloca como um discurso centrífugo<sup>19</sup> que, por mais de 40 anos, visa uma mudança no trabalho com os conhecimentos gramaticais na aula de Língua Portuguesa em contexto da Educação Básica<sup>20</sup>. Em segundo plano, podemos dizer que a PAL/S enfrenta uma tradição enraizada na esfera escolar que se volta com muita força ao trabalho com a língua-sistema sob as lentes da gramática – escolar, conceitual, normativa. Em uma terceira razão, podemos dizer que a PAL/S ainda enfrenta ‘novas roupagens’ para fortalecer a ‘gramática na escola’<sup>21</sup> (novas propostas que de ‘novas’ só o nome, pois ainda se encerram na imanência da língua desvinculada da vida social). Em uma quarta questão, podemos dizer que, mesmo sendo ‘reapropriada’ por diferentes campos e áreas de estudo e sendo explicada pelo que ela ‘não é’, a PAL/S resiste e se mostra, explicitando seu caminho de trabalho com os usos sociais da língua nas interações, deslegitimando o uso indiscriminado de sua proposta como prática de linguagem<sup>22</sup>. E, ao final (mas não encerrando a luta), a PAL/S resiste em ratificar a importância do trabalho com a língua-discurso nas aulas de Língua Portuguesa na escola<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> Sugerimos a leitura de textos de M. Bakhtin que tratam das forças de estratificação social da língua.

<sup>20</sup> Sugerimos a leitura de pesquisas sobre a história do componente curricular Língua Portuguesa no Brasil.

<sup>21</sup> Aqui usamos entre aspas, pois o termo pode tanto significar a determinação de ‘espaço’, como a denominação de uma ‘abordagem metodológica’, que se intitula dessa forma.

<sup>22</sup> Sugerimos a leitura de Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021).

<sup>23</sup> Reiteramos que há muitas pesquisas em Lingüística Aplicada brasileira que tematizam o trabalho com a língua-discurso nas aulas de Língua Portuguesa em

(10) A PAL/S é balizada por uma pedagogia crítica: e não poderia ser de outra forma. Diferentemente do trabalho de análise gramatical (escolar, conceitual, normativa) que se caracteriza ‘tradicional’, ‘expositiva’, ‘instrumentalista’ e ‘normativista’, a PAL/S se integra a uma abordagem pedagógica crítica<sup>24</sup>, que não apenas busca desvelar discursos autoritários, homogêneos e de poder, como, a partir desse desvelamento, trabalhar a consciência social<sup>25</sup>, as ideologias, as axiologias e a relação entre linguagem e classe social. Por meio da PAL/S podemos mobilizar práticas de reflexão que envolvem desconstruir, questionar e desafiar crenças, ideias, valores, normas, discursos tomados como ‘verdades absolutas’. Posto que a PAL/S trabalha com a visão sociológica de linguagem a partir de um escopo da língua-discurso, a PAL/S, de fato, analisa discursos, na busca de desconstruí-los e revelar os sentidos que não apenas demonstram explícitos, mas, sobretudo, os implícitos. A partir de uma pedagogia crítica, à luz da consciência libertadora, a PAL/S reitera sua abordagem na criticidade (conforme capítulo 4).

(11) A PAL/S é ‘ensinagem’: a PAL/S preocupa-se com as práticas de ensino e de aprendizagem. Dada sua atenção à integração com as outras práticas de linguagem – práticas de leitura, de oralidade e de produção de textos -, esta visa tanto um trabalho crítico com o ensino, quanto com a aprendizagem dos estudantes.

(12) A PAL/S potencializa sequência de conteúdos: uma das preocupações na dinâmica da construção de currículos nas escolas é a sequenciação de conteúdos nas diferentes séries escolares. Dado que a PAL/S trabalha com a abordagem indutiva e sob os olhares

---

contexto da Educação Básica. Seria injusto aqui indicar alguns e não todos. Dessa forma, sugerimos a busca em bancos de dados brasileiros, tais como *Catálogo de teses e dissertações da CAPES*.

<sup>24</sup> Sugerimos a leitura das várias obras de Paulo Freire.

<sup>25</sup> Sugerimos a leitura de textos de V. Volochínov sobre consciência social, consciência ideológica, luta de classes dentre outras questões de âmbito sociológico.

para as 'regularidades' e não para as 'repetibilidades' da língua, esta pode assistir a construção de planos de sequenciação de conteúdos a serem mobilizados a cada série escolar. Com base no que é trabalhado em sala e no que ascende das práticas de leitura, oralidade e produção de textos, conteúdos podem ser vistos como mais interessantes e produtivos a serem agenciados em dada série no que em outras. O que surge do trabalho integrado com as práticas de linguagem em sala pode potencializar a sequenciação de conteúdos nas séries escolares, ao invés de conteúdos pré-determinados sem o trabalho efetivo.

(13) A PAL/S estuda fenômenos sócio-históricos da linguagem: a PAL/S se destina a estudar fenômenos da linguagem em suas múltiplas manifestações semióticas. Contudo, não os estuda sob a ordem de sua sistematicidade e normatividade no sistema, mas entende tais fenômenos sob a ótica social. Com isso, novos usos sociais da linguagem, novas construções linguísticas, mudanças nos usos, transmutações em gêneros do discurso, dentre outras possibilidades de mudança social, histórica e cultural fazem parte do escopo de trabalho da PAL/S. Os recursos linguísticos se modificam ao longo do tempo-espço da vida e, assim, à medida que as práticas sociais se modificam, os usos linguísticos, por conseguinte, também se modificam. Essas modificações são constituídas por relações lógicas e dialógicas e resultativas das demandas e feições das situações de interação. A PAL/S se apresenta como um caminho de estudo desses fenômenos a partir da enunciação (textos-enunciados) e de suas formas típicas, os gêneros do discurso.

(14) A PAL/S é análise multimodal: como já discutimos em capítulos anteriores, a PAL/S contempla a análise multissemiótica da linguagem, isto é, trabalha com os usos da linguagem em diferentes manifestações semióticas. Diferentemente da sua abordagem inicial (anos de 1980 e 1990) em que a PAL se dedica exclusivamente a usos escritos e orais da língua, após a publicação da *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018), as diferentes semioses passam a integrar o trabalho com essa prática de linguagem.

(15) A PAL/S sofre resistências nos vestibulares, concursos etc.: como já discutido, por ser uma força ideológico-valorativa centrífuga, a PAL/S ainda sofre resistência em concursos públicos e vestibulares, ainda extremamente focados na análise gramatical, força centrípeta. Não são todos, mas ainda muitos. A conceituação e classificação gramaticais acabam se tornando a orientação única nos editais. Diferentes propostas têm surgido, especialmente, após a publicação da *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018) que, mesmo com várias problemáticas (de ordem teórica, metodológica, didático-pedagógica<sup>26</sup>) ainda contribui para a consolidação do trabalho com a PAL/S no âmbito da Educação Básica.

(16) A PAL/S com pouca entrada em grande parte de cursos de graduação e de pós-graduação: não podemos generalizar, mas sabemos que a PAL/S tem pouca entrada como componente curricular em cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia, além de quase ser excluída como componente curricular em cursos de Pós-graduação voltados à formação do professor. Ainda temos, no Brasil, cursos de Letras muito cristalizados na formação sistêmica e formal da língua e pouco espaço para componentes curriculares voltados às práticas de linguagem<sup>27</sup>.

(17) A PAL/S nos documentos e nas propostas curriculares estaduais e municipais: precisamos reforçar o trabalho com a PAL/S em propostas curriculares estaduais e municipais. Embora tenhamos a hipótese de que muitas propostas ainda se baseiam em abordagens sistêmicas da linguagem (língua-sistema) ou mesmo em concepções sociais de língua (língua-discurso), mas com a gramática ainda em plano protagonista, necessitamos reforçar o trabalho com as práticas de linguagem de forma integrada<sup>28</sup> – práticas de leitura, oralidade, produção de textos e análise linguística/semiótica. Dessa forma, não

---

<sup>26</sup> Sugerimos a leitura de *Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular: compreensões subjacentes*, obra organizada por Terezinha da Conceição Costa-Hübes e Márcia Adriana Dias Kraemer (2019).

<sup>27</sup> Sugerimos a leitura de Acosta Pereira; Santos-Clerisi (2020) e Raupp; Acosta Pereira (2022) sobre o assunto.

<sup>28</sup> Sugerimos a leitura de Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021).

apenas vamos contemplar uma abordagem teórico-metodológica que se sustenta em uma concepção social de linguagem (conforme capítulo 1), como vamos, por conseguinte, ratificar uma abordagem didático-pedagógica crítica (conforme capítulo 4). Temos ainda um longo caminho pela frente.

(18) A PAL é um discurso de mudança: frente às forças centrípetas do ‘discurso da tradição’ (uma tradição escolar enraizada no ensino gramatical e da língua-sistema), a PAL/S se apresenta como um ‘discurso de mudança’. Isso significa que, a partir do trabalho da PAL/S integrado às outras práticas de linguagem, buscamos ressignificar o ensino da língua portuguesa, não apenas contemplando a linguagem na vida social, por meio das enunciações, como, por conseguinte, redimensionado o ensino da língua-sistema para a língua-discurso. O ‘discurso da mudança’ vem alinhado às lutas ao longo da história do componente curricular de Língua Portuguesa na Educação Básica. Um movimento de ressignificação que nasce a partir do final dos anos de 1970, que tem nas décadas de 1980 e 1990 grandes contribuições, e que ainda atualmente reverbera nas esferas acadêmica e escolar. A luta continua.

(19) A PAL/S é uma escolha política: nossas escolhas são sempre políticas. A ciência é política. A educação é política. A linguagem é política. Optar entre ‘análise gramatical’ e ‘análise linguística/semiótica’ é uma escolha política, pois envolve decisões politicamente engendradas: qual a concepção de linguagem que baliza o trabalho didático-pedagógico? Qual a orientação de língua que referencia o trabalho didático-pedagógico – língua-sistema ou língua-discurso? Qual a compreensão que se tem do trabalho com a língua na escola – uma visão sistêmica e tradicional ou uma visão da língua na vida social? Várias são as questões que orientam o trabalho didático-pedagógico na escola e todas elas (sem exceção) são decisões políticas.

(20) A PAL/S é um trabalho com a língua na vida: neste livro, advogamos a favor do trabalho escolar com a língua nas interações sociais. Isso significa que não estamos pensando na língua

desvinculada da vida, nem a língua vista apenas como uma forma, uma estrutura ou um sistema. Estamos ratificando a posição política de trabalhar, na escola, com a 'língua na vida'. A língua na forma concreta de enunciados que, por sua vez, são as formas materiais dos discursos. Diferentemente das palavras-isoladas, das frases e das orações, os enunciados são sociais, isto é, se constituem e funcionam em lócus social, engendrados nas situações sociais de interação, no interior de diferentes esferas da atividade humana (campos da criação ideológica). São sempre histórico-culturais, ideológico-valorativos, políticos e refletem e refratam aspirações e visões de mundo das diferentes classes sociais. A língua na vida é a língua nas relações intersubjetivas, a língua nas diversas instituições, a língua das comunidades, dos grupos sociais, das plurais interações na sociedade. É essa 'língua' que defendemos. É essa 'língua' que aspiramos. É a partir dessa 'língua' que visamos uma educação crítica e emancipadora.

Cabe ressaltarmos, ao fim, que nosso livro marca explicitamente nosso olhar para a linguagem – o social. E não poderia ser diferente, dado nosso escopo teórico-metodológico à luz dos escritos de M. Bakhtin e o Círculo. Neste livro, apresentamos apenas uma discussão inicial sobre o que compreendemos como **PAL/S de base dialógica**. Não é uma receita, nem um modelo. Mas nossa reação-resposta politicamente ancorada em advogar a favor da língua viva nas aulas de Língua Portuguesa.

## ANTES DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de finalizar nossa discussão neste livro, precisamos pontuar algumas questões sobre as razões pelas quais o trabalho com a PAL/S, no Brasil, responde a resistências e ‘apagamentos’, nada ingênuos, mas politicamente ancorados. Diversas são as questões que orbitam em torno da constante ‘luta ideológica’ entre o trabalho com a PAL/S e o trabalho exclusivamente gramatical. Como já pontuamos antes, só em retomar estudos prévios sobre a história do componente curricular Língua Portuguesa, já nos deparamos com séculos de ‘tradição gramatical’ quando o assunto é língua. Além disso, basta recorrermos ainda a bancos de dados de pesquisas brasileiras<sup>29</sup>, vamos encontrar muitos estudos que advogam a favor da ‘tradição gramatical’ na esfera escolar.

A partir dessas considerações iniciais, vamos debater alguns pontos ainda não contemplados neste livro, mas que, dado seu teor, cabem ser revisitados nesta presente discussão. Como nosso objetivo é apresentar discussões mais enxutas, introdutórias, não vamos estender as discussões de forma substancial, mas, a todo momento, quando possível, indicaremos sugestões de referências para leitura.

(1) Dificuldades de compreensão do trabalho com a PAL/S nas aulas de Língua Portuguesa: como já dito antes, muitos são os fatores que influenciam na compreensão sobre/do trabalho com a PAL nas aulas de Língua Portuguesa em contexto da escola de Educação Básica. Dentre vários, destacamos: (a) o termo PAL/S se aproxima do termo ‘Teoria e Análise Linguística’, uma das áreas da Linguística, segundo dados das agências de fomento, como a

---

<sup>29</sup> Sugerimos a pesquisa em bancos de dados institucionais brasileiros, tais como *Catálogo de teses e dissertações da CAPES* e *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)*.

CAPES<sup>30</sup> e o CNPq<sup>31</sup>. Com isso, muitos pesquisadores e professores tendem a equivaler PAL/S com “Teoria e Análise Linguística”. Não são equivalentes, nem termos intercambiáveis. O 1º termo diz respeito ao trabalho como práticas de linguagem à luz de uma concepção social de linguagem (como discutido em todo este livro). O 2º termo, por outro lado, corresponde a uma área da Linguística. Dessa forma, nossa compreensão é de que é preciso um extremo cuidado para evitar equivalências ou intercâmbios entre os termos; (b) o termo acaba por demarcar um sentido voltado à língua, sem demarcar seu engendramento com o ‘social’, ou seja, acaba por destacar o ‘linguístico’, sem inserir nenhum termo voltado ao ‘sociológico’. Mas questões como esta são comuns nos campos teórico-metodológicos. Os conceitos não conseguem abarcar todos os sentidos aos quais se destinam. Com isso, muitos pesquisadores e professores quando se deparam com a PAL/S tendem a compreender que esta se dedica exclusivamente à análise da língua, entendida como uma análise voltada aos estratos sistêmicos da língua (fone, fonema, morfema, sintagmas), sem quaisquer vínculos com a dimensão social (extraverbal). Entretanto, como discutimos ao longo deste livro. A PAL/S não é análise linguística voltada exclusivamente aos estratos do sistema da língua, mas é uma prática de linguagem que agencia uma análise dos usos linguísticos sob as lentes da interação social. Mesmo o ‘social’ não estando na cunhagem do termo, a abordagem sociológica (a concepção social de linguagem e todas as suas implicações) é o fundamento da PAL/S; (c) o termo acaba por ‘rememorar’ um caminho de trabalho com a língua historicamente consolidado no campo dos estudos linguísticos. Em outras palavras, os termos ‘análise linguística’ e ‘semiótica’ trazem consigo uma ‘memória epistemológica’, em especial, uma memória de estudos linguísticos de base estruturalista que, no início do século XX, ratificou a posição da Linguística como campo científico, como uma ciência

---

<sup>30</sup> Acesso em <https://www.gov.br/capes/pt-br>

<sup>31</sup> Acesso em <https://www.gov.br/cnpq/pt-br>

autônoma. Com isso, os termos utilizados na cunhagem de PAL/S reascendem uma dada memória dos estudos da Linguística, o que pode levar pesquisadores e professores a entender o trabalho sob esse viés dos estudos estruturalistas. Contudo, dada toda a discussão presente neste livro, sabemos que a PAL/S, diferentemente de uma visão objetivista de língua, se volta à língua-discurso.

(2) Um pouco da ‘história’: os anos de 1980 e 1990 foram repletos de discussões e propostas envolvendo discursos de ‘mudança’ em torno do trabalho com os conhecimentos gramaticais na escola. Obras como *Texto na sala de aula* (Geraldi, 1984), *Portos de Passagens* (Geraldi, 1991), *Criticidade e gramática* (Franchi, 1987), *Gramática na escola* (Neves, 1990), *Porque (não) ensinar gramática na escola* (Possenti, 1996), *Gramática e Interação* (Travaglia, 1996), *Linguagem e Ensino; exercícios de militância* (Geraldi, 1996) apresentavam-se como referências basilares sobre o ‘movimento de renovação do ensino da língua portuguesa’ no país. Das obras citadas, apenas as de J. W. Geraldi se utilizavam do termo ‘prática de análise linguística’, como uma alternativa pedagógica de reflexão da língua em uso.

Em outras palavras, a ‘análise linguística’ não se apresentava como uma nova ‘maneira’ de se ensinar gramática, mas como um modo de se estudar fenômenos linguísticos sob as lentes de aspectos textuais, enunciativo e discursivos (como discutido ao longo deste livro). Além disso, os anos de 1980 e 1990 foram marcados como décadas de crítica ao ensino tradicional, enraizado na gramática tradicional, escolar e normativa. A ‘análise linguística’ se apresentava sob a ordem da interação<sup>32</sup>.

(3) Redimensionamento(s) da proposta inicial: vimos neste livro que historicamente a proposta de ‘prática de análise

---

<sup>32</sup> Sugerimos a leitura dos capítulos de Mendes-Polato; Menegassi (2021) e Rodrigues (2021), na obra *Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa*, organizada por Acosta Pereira; Costa-Hübes, citada na introdução deste livro e com acesso gratuito em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/#responde>

linguística” (PAL) (ainda sem o ‘semiótica’) nasce no início dos anos de 1980, especificamente em 1984, com a publicação de *O texto na sala de aula*, de João Wanderley Geraldi e expandida em 1991 com *Portos de Passagens*, obra do mesmo autor. Nas duas obras, temos a proposta de trabalho com a PAL voltado às reescrita de textos de alunos (na 1ª obra e ainda sem contemplar a oralidade) e, na 2ª obra, uma proposta que não se restringe à reescrita de textos de alunos e ainda contempla a oralidade. A PAL se redimensionou no interior da própria proposta inicial. Ademais, a PAL tem se redimensionada a todo momento, dadas novas pesquisas, estudos e a publicação de documentos político-educacionais. Novas orientações teórico-metodológicas e caminhos didático-pedagógicos vêm redimensionando a PAL, como, por exemplo, após a publicação da *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018), a integração da PAL ao ‘semiótico’, cunhando o termo PAL/S<sup>33</sup>. O que estamos explicando é que a PAL/S, assim como o trabalho com as demais práticas de linguagem, sofrem mudanças que não apenas absorvem as mudanças de ordem teórico-metodológica (como o advento de abordagens teóricas que passam a orientar o trabalho com a PAL/S em contexto escolar) e didático-pedagógica (como o advento de orientações que se voltam ao trabalho de planejamento e de construção de atividades e materiais escolares), como, em adição, mudanças nas práticas sociais (como o advento de orientações de trabalho com a PAL/S que se voltam às multissemioses da vida contemporânea). Entendemos que a PAL/S hoje traz os matizes fundacionais da proposta inicial, mas se redimensionou e ampliou o escopo de trabalho<sup>34</sup>.

(4) Reapropriação do ‘termo’: como já discutido antes (porém merece retomada aqui), há muitas reapropriações da PAL/S. Muitas vezes a PAL/S é tomada como sinônimo de ‘gramática no

---

<sup>33</sup> Sugerimos a leitura da obra *Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular: compreensões subjacentes*, organizada por Costa-Hübes; Kraemer (2019).

<sup>34</sup> Sugerimos a leitura do capítulo de Rodrigues (2021) sobre a abrangência e produtividade da PAL disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/#respond>

texto', 'gramática aplicada em textos', 'gramática em contexto', 'gramática contextualizada', dentre outros termos e expressões. Contudo é preciso um cuidado atento para evitar reapropriações indevidas. A PAL/S não trabalha engessada à gramática, nem sob a ótica da língua-sistema ou do texto voltado ao seu contexto. Qualquer proposta que se coloque sob esses caminhos, não é PAL/S, mas análise gramatical. Em outras palavras, a PAL/S não é 'aplicação de gramática', nem a gramática em textos, como se o texto se apresentasse apenas como espaço de análise de elementos da língua. A PAL/S, como discutido ao longo deste livro, se ancora em visão de língua de base sociológica, cuja unidade de análise é o enunciado nas interações sociais. Qualquer uso da PAL/S que se sustente na língua-sistema (palavras-isoladas, frase, orações e texto visto em seu contexto) é uma apropriação indevida do termo.

(5) Elaboração didática: explicamos, em nossa introdução, que este livro não abordaria a questão as etapas de trabalho de elaboração didática. Para tanto indicamos os vários capítulos de elaboração de material didático com a PAL/S propostos pelos diversos autores que se reúnem na obra de Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021)<sup>35</sup>. Contudo cabe ressaltar que toda elaboração didática se ancora no trabalho com textos reais, textos-enunciados, que se realizam sob as condições da vida social. Não há 'invenção' de exemplos e nem o trabalho com textos criados para determinados fins de análise. Todo o trabalho com a PAL/S demanda práticas de elaboração didática com textos reais, isto é, textos-enunciados (conforme capítulo 9).

(6) Demandas docentes: o trabalho com a PAL/S desloca o professor da 'tradição gramatical' para o trabalho com a 'língua viva'. Isso já implica algumas demandas, dentre elas o conhecimento teórico-metodológico da abordagem que orienta o trabalho com a PAL/S e como esta, por sua vez, reverbera na prática didático-pedagógica. Não tem como termos como base uma

---

<sup>35</sup> Para acesso gratuito: <https://pedroejoaeditores.com.br/produto/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/#respond>

abordagem teórico-metodológica de cunho social e trabalhar sob a ordem da pedagogia 'tradicional'. A PAL/S exige uma abordagem de estudos linguísticos de base social e uma ancoragem na pedagogia de base crítico-emancipatória (conforme capítulo 15).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas considerações finais, afirmando que a PAL/S está no centro da ressignificação das finalidades do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Em outras palavras, a PAL/S é uma prática de linguagem, integrada às outras práticas (leitura, oralidade e produção de textos) que refuta um olhar sistêmico-formal para a língua e se volta ao trabalho com a língua a partir de seus usos sociais. Sob esse panorama, a PAL/S potencializa a luta da ressignificação e mudança no/do ensino da língua portuguesa quando o tema é ‘conhecimentos gramaticais’, pois se desloca do âmbito da língua-sistema (e das palavras-isoladas, das frases e rações descontextualizadas) para o âmbito das enunciações (usos reais da língua nas interações sociais por meio de enunciados [textos-enunciados] e suas formas típicas, os gêneros do discurso). A finalidade do ensino da Língua Portuguesa se modifica, possibilitando o trabalho com a língua viva.

Ademais, a PAL/S é um trabalho de reflexão sobre a língua a favor da ampliação das práticas de linguagem nas situações de interação no interior das esferas da atividade humana, ou seja, um trabalho voltado não apenas à ‘significação reprodutível’, mas, sobretudo, à ‘significação no contexto’ e à ‘compreensão ativo-dialógica’, conforme discutimos neste livro. Não é um estudo apenas focalizado nas ‘relações lógicas’ da língua, mas, acima de tudo, na análise de suas ‘relações dialógicas, nas relações de sentido na enunciação. É refletir criticamente sobre os usos dos recursos linguísticos na enunciação, não apenas como recursos usados em ‘unidades convencionais’, mas, de fato, como recursos ou elementos linguísticos mobilizados em ‘unidades reais e concretas’ da linguagem. É um estudo da língua sob as feições e coerções de sua dimensão social.

Nessas considerações, cabe, em adição, ressaltar que a PAL/S é uma prática de ensino e de aprendizagem no interior de uma

abordagem teórico-metodológica. E como já discutido neste livro, a PAL/S não é uma teoria e nem se caracteriza como uma abordagem teórico-metodológica, mas é uma ‘prática de linguagem’ balizada por uma determinada teoria. Nem todas as teorias são ‘de referência’ na/para a PAL/S, mas somente aquelas que advogam a favor dos usos sociais da linguagem. Basear-se em teorias de cunho sistêmico-formal seria uma extrema contradição.

Podemos também reiterar que a PAL/S e gramática não são intercambiáveis, porque têm objetivos e focos diferentes (na PAL há questões que extrapolam a gramática). Como já explicado neste livro, a PAL/S não exclui a gramática, mas a estuda sob outro foco (conforme capítulo 8), sob as lentes da ‘elucidação estilística’.

Conceito de PAL/S é escorregadio, pois pode levar a diferentes acepções do termo ‘prática de análise linguística’. Reafirmamos, neste livro, que a PAL/S não é ‘análise linguística’ da esfera acadêmica, ou seja, não é um campo ou área de estudos, uma linha teórico-metodológica, nem uma teoria linguística a ser ‘transposta’ para a sala de aula. A PAL/S não é transposição didática de teoria linguística, mas uma prática de linguagem balizada e referenciada por uma abordagem teórico-metodológica, ou como já dito previamente, uma prática de linguagem no interior de uma teoria. Com isso, relembremos o cuidado de transpor didaticamente teorias para a sala de aula, haja vista as diferenças entre ‘conhecimento teórico’ e ‘conhecimento procedimental’, entre ‘abordagem teórico-metodológica’ e ‘abordagem didático-pedagógica’.

Em nenhum momento a PAL/S pretende transformar a escola e a sala de aula em laboratórios experimentais. Essa não é nossa compreensão de educação, de escola e de aula, nem de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa. Como esclarece Rodrigues (2021), no trabalho com as práticas de linguagem e, dado o escopo deste livro, o trabalho com a PAL/S, se toma como central os sujeitos que chegam à escola e suas práticas de linguagem, deslocando o objeto de ensino sobre a língua para o ensino da língua em seus contextos de uso, mediado pela reflexão sobre a língua, a partir de uma concepção interacionista da linguagem e do

sujeito. Como a mesma autora nos explica, com a PAL/S, há uma mudança da finalidade/objetivo para o trabalho de reflexão sobre a língua: o trabalho de reflexão sobre a língua a favor do ensino da língua (RODRIGUES, 2021). É nisso que acreditamos.



## REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo, COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). *Prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa*. São Carlos: Pedro & João. 2021. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/> . Acesso em: 04 de jul. de 2022.
- ACOSTA PEREIRA, R.; SANTOS-CLERISI, G. D. Pesquisas no Brasil sobre a prática de análise linguística de base dialógica. *Línguas & Letras (online)*, v. 21, p. 155-174, 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013 [1942-1945].
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. [1963].
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306. [1952-1953].
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística e nas outras ciências humanas: uma experiência de análise filosófica. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 307-336. [1959-1961].
- BAKHTIN, Mikhail. Os estudos literários hoje. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 359-366. [1970-1979].
- BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 367-392. [1970-1971].

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 393-410. [1930-1940].

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. [1975].

BRASIL. *Base Nacional Curricular Comum – Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 04 de jul. de 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> . Acesso em: 04 de jul. de 2022.

BRASIL. *Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa*. Comissão Nacional para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Materna Relatório Conclusivo. Brasília/DF: MEC, 1985.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 1. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

MEDVIÉDEV, Pavel. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012. [1928]

RAUPP, Eliane; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A prática de análise linguística nos cursos de licenciatura em Letras: um olhar para a formação inicial. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. (no prelo), 2022.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. As palavras e suas funções sociais. In: VOLOCHÍNOV, Valentin N. *A construção da Enunciação e Outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a, p. 189-212 [1930].

VOLOCHÍNOV, Valentin N. Que é a linguagem. *In: VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da Enunciação e Outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b, p. 131-156 [1930].

VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da enunciação. *In: VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da Enunciação e Outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013c, p. 157-188 [1930].

VOLOCHÍNOV, Valentin N. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. *In: VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da Enunciação e Outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013d, p. 71-100 [1926].

VOLOCHÍNOV, Valentin N. As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental. *In: VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da Enunciação e Outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013e, p. 101-130 [1928].

VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin) *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. [1929-1930].

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa, CNPq-PQ2, processo número 305756/2021-4.

Agradeço a leitura crítica da Profa. Dra. Adriana Polato e da Profa Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes. Ratifico que todas as discussões, colocações e posições são de minha responsabilidade.

## SOBRE O AUTOR

Doutor em Linguística, na área de concentração Linguística Aplicada, na UFSC. Pós-doutor em Linguística Aplicada na PUCSP. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de língua portuguesa na esfera escolar, práticas de linguagem na escola (leitura, oralidade, produção de textos e análise linguística/semiótica), formação inicial e continuada de professores, análise de gêneros do discurso, análise dialógica do discurso, escritos do Círculo de Bakhtin. Atualmente é professor Associado da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, campus central de Florianópolis-SC. Atua na graduação e nos Programas de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Atuou no PIBID - Língua Portuguesa da UFSC. É um dos editores das revistas Letra Magna (IFSP) e Fórum Linguístico (UFSC). Membro do NELA - Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada e do Grupo de Estudos no Campo Discursivo na UFSC. Membro do GT - Gêneros Textuais/Discursivos da ANPOLL. Membro efetivo da ABRALIN. Sócio pleno da ALAB. Participou da avaliação de livros didáticos do MEC/PNLD (2019/2020/2021). Integra projetos de cooperação científica internacional com Universidade de Vigo (Espanha), Universidade do Porto (Portugal) e PUC-Santiago (Chile). Integra projetos de cooperação científica nacional com a UFT, UFPA, UTFPR e Unioeste. Lidera o GELID - Grupo de Estudos em Linguagem e Dialogismo. ResearcherID: <https://orcid.org/0000-0003-0148-8725>. Atualmente, é bolsista CNPq-PQ2..



Este livro dedica-se a refletir sobre o trabalho com a prática de análise linguística/semiótica sob uma perspectiva dialógica. Isso significa dizer que estamos nos consociando a uma abordagem enunciativo-discursiva de linguagem. Além disso, este livro, acreditamos, responde ideológico-axiologicamente a um movimento político (constante) de resignificação do ensino da língua portuguesa em contexto da escola de Educação Básica: um ensino voltado às práticas de linguagem sob um olhar da língua real e concreta nas interações da vida social. É nisso que acreditamos.



ISBN 978-85-7993-913-6



9 788579 939136 >